

O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

Francisco Carvalho

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

A par de tantos caminhos de leitura que sugere a poesia pluri-sinfônica do cearense Francisco Carvalho, cremos que a exploração do lúdico se perfaz de modo pertinente. Quer seja em obras anteriores, a exemplo de *Galope de Pégaso* e *Sonata dos Punhais*, ambas de 1994; *Raízes da voz* (1966) e *Os exílios do homem* (1997), entre outras, quer seja em *Girassóis de barro*, publicada pela Universidade Federal do Ceará, Programa Editorial da Casa de José de Alencar, em 1997.

A este propósito, o próprio Francisco Carvalho não dá margem a dúvidas, quando, em nota introdutória à segunda parte, "Pastoral de Minas", alerta os leitores para que não vejam aí simplesmente uma volta à poesia bucólica dos arcades. Na continuidade do seu pensamento, assinala: "O autor pretendeu apenas exercitar seu permanente fascínio pelo dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, coisas que não constituem privilégio exclusivo de determinadas escolas literárias ou de certos procedimentos estéticos".

O dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, a que se refere o autor, se impõem recorrentemente pelos relevos verbais dos poemas, em moldes os mais variados e surpreendentes. Diríamos, contudo, que a raiz desta prática puramente lúdica reside em alguns dos elementos estilísticos mais característicos do gênero lírico, isto é, o paralelismo (sintático, semântico e sonoro) e a repetição de base anafórica. Um texto, como "Jogos florais", explicita bem, na simetria de algumas estrofes: "Ó flor do caos / ó flor do lodo / ó flor do pântano / ó flor do êxodo. // Ó flor da pedra / ó flor da escarpa / ó flor da murta / ó flor da Marta".

E explicita bem na quebra proposital e também lúdica dos versos finais: "Ó flor dos mortos / ó flor do enigma / ó flor crestada / pelo ostracismo". A propósito, este tipo de quebra, verdadeira ruptura interna na estrutura melódica e semântica do poema, é, na mais das vezes, o responsável principal pelo estranhamento estético. Veja-se, por exemplo, um poema como "Canção das fêmeas", onde a negativa da estrofe final redimensiona a estrutura e a significação

afirmativa das estrofes anteriores. A seqüência “Todas as fêmeas / são gêmeas / de Penélope (...) Todas as fêmeas / estão de partida / para os deltas do orgasmo”, é subvertida e, ao mesmo tempo, esteticamente intensificada com o último terceto: “Nem todas as fêmeas / são ubíquas / e heterogêneas”.

Para acentuar as virtualidades lúdicas que a poesia promove, Francisco Carvalho não descarta o repertório folclórico das parlendas, com seus paralelismos rítmicos, decerto aproveitados em experiências textuais, como “À beira de tudo”, “Pássaro”, “Poema caipira” e “Igualdade”. A tradição oral e popular é também valorizada na inventividade do poema “Zôo no céu”, elaborado a partir do Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos, de R. Magalhães Júnior, assim como se exploram as perspectivas funcionais de uma forma consagrada como o soneto, na série dos sonetos triangulares.

É evidente que a paisagem aflora, em *Girassóis de barro*, pontuada pela dicção telúrica, pelo viés filosófico, pelo calor do erotismo, pela empatia social e pela junção mágica do sagrado e do profano. Não obstante, ao desafio das mensagens se superpõe o vigor acústico, plástico e cadenciado dos investimentos lúdicos, a fazer da poesia de Francisco Carvalho uma rara cristalização de som e sentido, uma poesia perfeitamente adequada ao entendimento de Paul Valéry, enquanto metáfora do jogo com as palavras e a linguagem.

Com a exploração da função lúdica, natural ao processo poético de criação, Francisco Carvalho convoca a origem mágica e mítica da palavra, sua presença enigmática e ritual, sua força primitiva, para compor os vastos espaços de sua poesia. Em todos os sentidos, uma poesia maior; jazida poliédrica de todas as pepitas, veio inexaurível das mais variadas pedras de toque. Uma poesia que nos ensina ser o amor “uma rosa / que se masturba no caule” ou ainda que “Só o amor nos redime do caos”.

Hildeberto Barbosa Filho/PB
Professor, poeta e crítico

“Com essas poucas e superficiais colocações sobre intertextualidade, queremos deixar clara a sólida formação cultural e poética de Francisco Carvalho, alicerçada na cultura clássica, nos grandes movimentos literários e nas lições dos mestres da criação poética estrangeira e nacional, alicerce indiscutível da natureza de sua poesia singular, diferenciada, produto de uma personalidade bem distinta em sua expressão estética.

A leitura de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** nos leva a um longo passeio pela História, pela civilização ocidental, das pirâmides do Egito, dos Jardins Suspensos da Babilônia, das muralhas de Jerusalém, do templo de Salomão, dos pináculos do Partenon, dos arcos do Fórum romano, das torres góticas das catedrais medievais, dos palácios renascentistas, da armadura de ferro da torre Eiffel, do casario colonial, dos profetas do Aleijadinho, às jangadas nordestinas, aos edifícios esplendorosos das grandes metrópoles hodiernas, às planícies secas do vale do Jaguaribe, ao pátio da igreja paroquial da vila de São Bernardo das Éguas Russas, ao birô do burocrata, à planura das coisas miúdas do dia-a-dia, tudo isso permeado pelas preocupações com a vida, a morte, o tempo, o ser e a natureza, em seus atributos essenciais e acidentais... Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.”

Prof. Luiz Tavares Júnior



Francisco Carvalho

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

Use como um belo presente e
ficcionista Pinto
Maciel as remove-
elas homemagens
elo

André
2010/1/2009

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho
Joaquim Haroldo Ponte
Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Ana Cecília de Andrade

MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto A. Dantas

REVISÃO DE TEXTOS

Francisco Carvalho

O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

Francisco Carvalho

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
2002

Ce n'est pas le poète qui compte, ni le poème non plus. Le lecteur seul et cette étoile qui se lève, inattendue et impossible dans le ciel de sa tristesse; la chaleur dans son froid; l'espérance inconnue dans l'océan connu et tourmenté du désespoir. L'amour est là. Ni dans celui qui donne, ni dans celui qui reçoit, ni même entre les deux: il est l'échange de l'un à l'autre. La poésie est cet échange; le poète celui qui commence. Rien sans lui ne s'inaugure, c'est vrai; mais, dès que la poésie respire, il sait que c'est dans les poumons de l'autre.

ARMEL GUERNE (*Fragments*)

Os oiros e os clarões são todos meus.

FLORBELA ESPANCA (*Sonetos*)

O texto em francês foi extraído da contracapa da revista LAUDES, nº 140, dezembro/2000.

Ao prezado amigo Prof. Luiz Tavares Júnior, pela paciência e lucidez com que se entregou à leitura dos originais deste livro. Sobretudo pela competência e objetividade presentes no texto da introdução, que me enriquece o livro, e que, desde já, se torna motivo de justo orgulho para mim.

O autor agradece a valiosa colaboração das prezadas amigas professoras Maria Neusa Guedes Barros e Maria da Graça de Andrade Teixeira; como também da jovem estudante de arquitetura Ana Cecília de Andrade, a quem deve a gentileza do excelente projeto da capa, além de sugestões para a diagramação dos poemas.

F.C.

POESIA MADURA

I INTRODUÇÃO

O Silêncio é uma Figura Geométrica, última obra do Sr. Francisco Carvalho, vate maior de nossa terra, é uma epítome de sua poética.

Dividida em três partes, estende-se diante do leitor como um retábulo, com os componentes independentes, com tonalidades próprias, visões parciais, todavia, de uma totalidade manifesta por cores e traços que compõem uma poética forte, marcada por duas forças mestras – Eros e Tânatos, nas suas múltiplas e infindas variações, que, contudo, não preenchem todos os espaços da poesia, deixando frinchas para especulações de ordem metafísica, incursões pelos espaços da história, observações ligeiras sobre ciência, divagações sobre as agruras humanas, reflexões acerca do cotidiano das pessoas e das coisas, devaneios sobre a paisagem e elementos da natureza e, como nos lembra Ana Vlândia Mourão Aires, regresso ao mundo da infância e preocupação com a problemática social.

Iríamos muito longe, se nos dispuséssemos a uma demonstração minuciosa da temática e dos recursos formais que a revelam, arcabouço de sustentação do mundo de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, um universo inesgotável de sugestões sobre a vida humana, sua grandeza e miséria; um quadro de dimensões amplas sobre os quatro elementos: terra, água, fogo e ar; sobre os animais da terra, sua natureza física e simbólica; sobre sua parcimônia no emprego das cores; sobre sua exuberância nas exteriorizações da sensualidade, sobre a absorvente preocupação com o tempo; sobre os dilemas do mito e os enigmas da História, aflorados nas personagens dos heróis e nas figuras citadas nas grandes epopéias, nos deuses e profetas das religiões, nos miseráveis de ontem e de hoje.

Matéria e instrumento do poema, a linguagem torna-se também objeto de reflexão e a palavra é examinada em suas potencialidades e em sua força estruturante do poema, em vários

momentos das três partes. Num conjunto de poemas, podemos perceber o diálogo estabelecido entre o poeta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** e outros criadores literários nacionais e estrangeiros.

2 EROS E TÂNATOS

Acima aludimos que Eros e Tânatos são duas linhas fulcrais, que percorrem a grande maioria dos poemas e lhes dão uma força de sustentação inegável. Logo no primeiro poema, o Eu lírico se diz “contemporâneo da morte” e, em **Elegia da Ponte dos Ingleses**, tem consciência de que “o caminho dos mortos não tem volta”.

“Contemporâneo da morte”, torna-se obsedante a preocupação com o tempo, núcleo ideológico, solidário ao tema da morte, que oferece ensejo e ocasião a constantes reflexões metafísicas sobre os novíssimos do homem, sobre o vazio da vida, sobre o tormento da fugacidade das coisas, sobre a ambição vã, sobre a vaidade vazia, enfim, sobre a perplexidade perante os quadros da natureza e a inutilidade dos esforços do homem.

“Quando os poetas morrem
as suas almas fecham todas as portas
e as metáforas se calam”. (p. 33)

“O tempo, esse adivinho,
que semeia augúrios pelos caminhos.
O tempo e seus heliantos de areia.
Correnteza de orgasmos e acalantos.
O tempo é uma onda que vai e volta.
Metáfora da anaconda. (p. 46)

O poeta é um barqueiro sempre preparado com “os seus remos para a travessia da morte”, e por isso deve cantar “o que lhe der na telha”: a natureza, os animais, os produtos naturais, o vinho e também “as queixas e mágoas”, pois “A vida já é uma oferenda”. Ele “é um ser do espaço e do tempo”.

A morte, “qual Penélope”, eterna fiandeira, tece o destino do homem e ninguém escapa ao seu “gélido sorriso”; “deusa macabra, a morte é uma ladra”.

Inúmeras são as imagens, incontáveis as referências, múltiplas as figuras, variadas as alusões, constantes as recorrências ao mito e aos deuses, gnomos e fadas, que aludem à Morte, desdobram sua idéia e alargam sua semântica, a se derramar no significante de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.

Em contraposição a essa força negativa, ao princípio da Morte, o poeta ergue o princípio vital, nas celebrações de Eros, e confronta a alegria, o prazer, o sexo, as ardências, a luxúria, com a tristeza, com a dor, com a impotência, com as calmarias e com o desengano da carne e “só pensa na ração de prata do orgasmo”, fareja “o mênstruo das flores e o sangramento das orquídeas”, escala “os montes de relvas das namoradas” e sabe que “só o amor é necessário” (p. 52) e “que os instintos rugem como feras numa jaula (p. 62).

E Eros, como força criadora, como princípio de vida, como impulso sexual, é o segundo grande esteio de **O Silêncio é uma Figura geométrica**; à semelhança de Tântatos, a multiplicidade de símbolos, imagens, metáforas, índices, termos explícitos, dão sustentação a essa segunda viga mestra, que serve de fundamento ao edifício lírico dos poemas.

A figura da amada, os seios, as nádegas, o aroma, as carnes, povoam inúmeros poemas, ao lado de outros elementos que sopram vida, dão ânimo a coisas e seres, avivam a natureza, os homens, os animais, as aves e as plantas.

“O cio, o mênstruo, o orgasmo, os instintos”, o desejo pululam nos poemas, a nos lembrar que Eros, em seu esforço criador, é a fonte da Vida e do Prazer, em sua luta antagônica com Tântatos, princípio do aniquilamento e da dor, enfrentado com ímpeto, de modo a chegar, às vezes, às raias “da ira e do ranger de dentes”.

Poderíamos transcrever inúmeros termos, versos e poemas, incontáveis metáforas, que comprovassem nossas obser-

vações; escolhemos, todavia, apenas dois poemas, como registro de nosso dizer:

Orgia

Na mesa os copos cheios
de ira e ranger de dentes. As taças e
espumas repletas de luxúria.

O vento acaricia os crespos
pensamentos das samambaias.
Pombas, os teus seios alçam vôo.
Na mesa todos os sentidos dardejam.
A música ergue seu pênis de cristal e trespassa
as dobras de seda do cio das moças. (p. 66)

Noturno da Ponte Metálica

Das ondas chega a noite
filha da espuma atávica.
Orgasmos brotam do vento
e da ponte metálica.

As luzes dos navios
rastejam sobre as águas.
Seios que ainda arrulham
como os filhos das aves

despencam dos vestidos
com sedução felina.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina.

Odor de fêmea e cio
de conchas e mariscos
semeia nas estranhas
desejos infinitos.

Pairam sobre os amantes
reflexos de alumínio.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina. (p. 72)

3 METALINGUAGEM E INTERTEXTUALIDADE

Poderíamos, como afirmamos, prosseguir na exploração deste filão – Eros e Tântatos –, tão característico da poética de Francisco Carvalho, objeto até de uma dissertação de mestrado de Mailma de Sousa, por demorado espaço de tempo, em esclarecimentos e comprovação, através de análises de confissões explícitas, de disfarces e velamentos, ocultos em metáforas, mitos e exemplos históricos. Seria uma tarefa, embora iluminadora, desnecessária nas proporções deste trabalho. Vamo-nos voltar, agora, para dois outros aspectos igualmente sugestivos: a Metalinguagem e a Intertextualidade, nos poemas de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

Se Eros e Tântatos são dois veios temáticos basilares, a Metalinguagem e a Intertextualidade são dois procedimentos singulares na construção do conjunto de poemas ora submetidos à nossa dissecação.

Em uma soma de mais de uma dúzia de poemas, quase 10% do todo, o poeta submete sua concepção de poesia a uma auto-reflexão, tomando como ponto de partida a máxima mallarmeniana de que poesia se faz com palavras:

IX

O poema e suas lavras
de utopia: o poema
é uma orgia de palavras.
Ramalhete de signos. (p. 47)

XI

A palavra é um corpo
de luz que se move entre
os arquétipos do mito.

A palavra é a pilastra
das idéias. O núcleo
da chama que se alastra. (p. 48)

Poder da Palavra

Uma palavra
basta
para acordar
os demônios
que se hospedam
no poema.
Uma palavra
basta
para estancar
as veias desatadas do poema.
Uma palavra
basta
para ferir de morte o poema. (p. 53)

As palavras, princípio de vida e de morte do poema, fogem do poeta. “São ocas e vazias; à “ovelhas à procura da flauta do pastor”, são pássaros assustados, carregadas das entranhas da alma, “dos temporais da noite e do mar”, das vozes das ruas e das multidões, arrebatam-no.

O trabalho do poeta é semelhante à “Sina de Sísifo” (p. 79), em sua luta incessante e recorrente na busca da palavra, que lhe escapa e impõe a tarefa de recomeçar a procura “da palavra exata para dizer as coisas mais simples da vida”. (p. 79)

Já em “Cio do Ócio” (p. 79), temos um recurso metalingüístico *sui-generis* de explicação do poema; tomamos conhecimento da matéria informe, que preencherá o “oco e o vazio” das palavras, que “esculpem a face escarnekida do poema”. (p. 79)

Em “ARQUÉTIPO”, outra nuance metalingüística: a metodologia empregada:

“O poema feito com método e sob medida
semelhante ao molde de um sapato.
O poema exato na forma
cada palavra em seu tempo e lugar
tão preciso nos fundamentos de sua arquitetura
que pareça o raiar do gume de uma faca”. (p. 84)

Semelhante à psicologia da composição cabralina, no poema não há lugar para inspiração, mas espaço para o trabalho do artesão (o sapateiro), para o exercício do arquiteto.

Em “Autismo” (p. 86) temos a exposição complementar da metodologia acima exposta; em “Dialética do Poema” (p. 90), “Teoria do Poema” (p. 91), se consorciam os dois procedimentos aludidos: o poema feito da palavra, sua placenta (Placenta, p. 121) e a metodologia do poema, de natureza felina:

“Tigre é o poema que se esconde
na selva das palavras. Como qualquer fera
o poema dardeja quando está no cio”. (p. 133)

Há, ainda, uma consideração importante a ser feita acerca da metalinguagem explicitada por Francisco Carvalho. Em dois poemas distintos, Soneto X, de Memória Rupestre (p. 113), e Parto do Verso (p. 147), acompanhamos outras considerações que revelam, complementarmente, a concepção de poesia esposada, em seus aspectos conteudísticos e formais, pelo autor de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Iremos transcrevê-los, sem comentários, para deixarmos o silêncio falar bem melhor que nossa fala:

X

Um soneto sem rima e chave de ouro
sem preceito, conceito ou preconceito
sem lago azul, sem peixes metafísicos
nem cisnes brancos de alvacentas plumas.
Um soneto sem metro e dialética

sem pompa no compasso e na retórica
sem os dilemas, sem os histerismos
de um tempo embalsamado na memória.
Um soneto irrigado pelo sangue
da vida, pela música das coxas
das moças, de seus corpos bailarinos.
Um soneto vaiado pela plebe
(tercetos e costelas fraturadas)
exposto ao sol, completamente nu. (p. 113)

Parto do Verso

Os versos vão despencando
de minhas mãos peludas
e logo trazem de volta
o séquito de minhas dúvidas.

Parecem negras lagartas
num canteiro de cenoura:
devoram couves e alfaces
e as calcinhas da pastora.

Jorram das fontes do corpo
a qualquer hora do dia
ou da noite. Em cativeiro,
o verso também procria.

Às vezes se lambe todo
ao jeito de um urso panda.
Se tento domesticá-lo
o verso salta de banda.

Rosa que brota da pedra
planta de todos os climas.
Quer chova, quer faça sol,
quer sobre a aragem das rimas. (p. 147)

Outro aspecto a destacar, a Intertextualidade projeta luz esclarecedora sobre a poética de Francisco Carvalho. Como se sabe, um texto é o produto de textos anteriores; implicitamente, esse entrelaçamento é responsável pela inteligibilidade da linguagem secundária que é a Literatura. Não vamos, porém, cuidar da teoria da intertextualidade, mas sentir como se revela de maneira explícita no discurso de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

São títulos de poemas, são fragmentos de versos, são alusões veladas, mas bem perceptíveis de seu enraizamento, são termos e expressões usados, são nomes próprios citados, evocações da Bíblia, são mitos e passagens históricas registrados, que nos possibilitam o enquadramento do discurso de Francisco Carvalho na corrente do discurso poético, por aceitação de suas normas anteriores ou rebeldia a elas, por endosso ou desvio de seus conteúdos. Há índices de uma intertextualidade explícita, nos títulos de poemas, como Quase Ode ao Rei Davi (p. 102), Morte de Sócrates (p. 67) Sina de Sísifo (p. 79), Alegoria da Caverna (p. 91), Cantiga Medieval (p. 106), À Sombra de Hölderlin (p. 99).

Um diálogo aberto com a poesia de Camões – (Estavas, linda Inês, posta em sossego (p. 114), com a de Fernando Pessoa (Rascunho Apócrifo de FP. (p. 55), com a de Manuel Bandeira, nas evocações das canções do Beco, no confronto do Capibaribe/Jaguaribe; de Carlos Drummond de Andrade, em retomadas de poemas e temas do poeta mineiro (Mundo Pequeno, p. 155); uma conversa mais intensa com a poética de João Cabral, a ouvir-lhe os ensinamentos da “educação pela pedra”, cujas ressonâncias se fazem perceber em A Pedra e suas variáveis (p. 58), Variações sobre a Pedra (p. 94), Cacimba de Pedra (p. 96).

Com essas poucas e superficiais colocações sobre intertextualidade, queremos deixar clara a sólida formação cultural e poética de Francisco Carvalho, alicerçada na cultura clássica, nos grandes movimentos literários e nas lições dos mestres da criação poética estrangeira e nacional, alicerce indiscutível da natureza de sua poesia singular, diferenciada, produto de uma personalidade bem distinta em sua expressão estética, cujas revelação e exteriorização se estampam nos versos de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, síntese de sua poesia.

4 ASPECTOS SINGULARES

Uma leitura mais atenta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** põe em realce alguns aspectos, talvez menores, mas muito significativos e caracterizadores. Aludiremos a alguns e deixaremos muitos outros acobertados pela “figura geométrica do silêncio”.

Um aspecto é a preocupação com os quatro elementos: a terra, a água, o fogo e o ar, que lhe ensejam divagações em torno da Ciência e da Filosofia, alimentam sua memória rupestre e o erguem às culminâncias de um poeta cósmico.

Outro aspecto é a celebração dos animais, como tigres, leopardos, lobos, hipopótamos, como símbolos da força, da agressividade, da violência dos instintos, em suma, como símbolos da expansão de Eros. Outros animais evocados, como as ovelhas, cabras e bodes; vacas, touros e cavalos; rãs, sapos, lacraias, cobras-corais transportam o poeta ao mundo da infância, às reminiscências da casa paterna e dos antepassados, o religam às raízes do torrão natal, que dão sustentação à sua natureza de poeta telúrico. Tarântulas, anacondas, unicórnios, salamandras lembram tradição de enredamento, perfídia e mistério.

Outro fato singular é a preocupação com o vinho, continuamente lembrado, ora de maneira concreta, através do vinho do Porto (Vinho do Porto, p. 51), ora de modo geral, por intermédio de seu odor e de sua cor sanguinolenta, (p. 51) por seu poder embriagador, pelo uso nas celebrações, por sua ação desinibidora, numa palavra, por sua grande força simbólica, usado pelos deuses e pelos homens através dos tempos.

Um quarto elemento bem perceptível é o interesse pelo perfume, pelos odores, presentes nas amadas, nas flores e nas frutas, nas madeiras, no cedro ancestral e na imburana nordestina. Importa ressaltar a convivência lírica com a cidade que o acolheu; como flaneur, vagueia pelas praias, percorre as dunas do Mucuripe (Tardes do Mucuripe, p. 36); detém-se na ponte dos ingleses (Elegia da Ponte dos Ingleses, p. 31) e Noturno da Ponte Metálica, p. 72) recorda o velho farol (Noturno do Farol, p. 88); é-lhe, porém, indiferente e tedioso o bulício das ruas e a

modernidade dos edifícios; prefere a volta das jangadas, no cair da tarde, (Nau da Tarde, p. 131).

Chama-nos a atenção a parcimônia no uso das cores; os adjetivos, o branco e o preto aparecem duas vezes, cada um; o vermelho, talvez três vezes, cabendo destaque ao azul, sobretudo como metonímia do firmamento, possivelmente uma impressão inconsciente do azul celeste de nosso sertão.

Essa continência alarga-se ao uso do próprio adjetivo, parcimonioso, de sentido mais concreto, acrescentando à linguagem um tom comedido, a aproximá-la da sisudez da filosofia e da objetividade da ciência, sem jamais perder o lado poético, de aparência calma e tranqüila, verdadeiro antípoda do interior do eu lírico cheio de vida, povoado de agitadas preocupações metafísicas com a cosmogonia do mundo, com a gênese do homem e dos animais, abalado por pesadelos (p. 56) e demônios (p. 63), agitado pelas forças do cio das fêmeas, incendiado pelo fogo do sol e iluminado pelo clarão da lua e pela resplandecência do firmamento azul, inundado pelo aroma das plantas, impulsionado pelo ímpeto das marés, embalado pelo “virtus” rubro do vinho, povoado de fadas e gnomos, arrastado pelos tigres de Bengala e laqueado por salamandras e cobras-corais.

Outro aspecto singular relevante impõe-se: a preocupação com o social e com o cotidiano.

Em meio às divagações com a morte, o tempo, aos sobressaltos eróticos, surgem, aqui e ali, fragmentos ou poemas inteiros de temática social, em que figuram tipos populares, de inspiração lírica, como a lavadeira (p. 40), ou os marcados pela penúria, pela miséria, como o bóia-fria (Réquiem Para um Bóia-fria, p. 125):

Teu corpo desidratado
mordido pela cobra
pelo dragão da fome
e pela tuberculose.
A bem da verdade
não precisa de cova.

Como os garis das rampas de lixo (Meninos, p. 74):

Meninos

Os meninos
chegaram inesperadamente
das rampas de lixo
com os rostos
lanhados
de cacos de vidro
quando lhes
disse que só me restava
um naco de sonho
para oferecer-lhes, eles
ainda tiveram
força para zombar de mim.

Como os excluídos de Hora Negra (p. 161):

Os gritos dos excluídos
esbarram de encontro às paredes
porque a hora é negra.

Como os atingidos pelas Balas Perdidas (p. 162):

.....
Balas perdidas que se hospedam
nas vértebras de um grito.

Como os expulsos da terra “que semearam”. (A Terra é dos Mortos. p. 167).

O cotidiano, com suas coisas miúdas, desperta igualmente o interesse; atos de burocrata, afazeres de dona de casa, tarefas do dia-a-dia são motivos de consideração, problematizados em versos ou em poemas inteiros como Assim Caminha a Humanidade (p. 139), Canção do Beco sem Saída (p. 142), Coisas da Moda (p. 145)” Filé com Batatas Fritas (p. 153), enfim:

A vida e seus dilemas
é que dão sabor e aroma
aos nossos poemas. (IV, p. 44)

Afinal, como último aspecto singular a registrar, gostaríamos de ressaltar que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se exterioriza nas formas de sonetos hieráticos, parnasianos e de sonetos modernizados, de estrutura leve, ora com rimas só nos tercetos, ora com ausência dessas consonâncias sonoras na totalidade dos quatorze versos, desvinculados da austera chave de ouro.

Embala-se na solenidade das odes, plange nas elegias, sombreia-se nos noturnos e alarga-se nos duetos, numa pauta musical, que de longe lembra o formalismo clássico dessas estruturas poéticas.

Incursiona, igualmente, na “libertinagem da poesia concreta” (p. 148) e de atualíssimas expressões da poesia de nossos dias; diverte-se no malabarismo de poemas lúdicos, distila ironia e humor (p. 157), quando se serve de elementos da linguagem popular, em expressões da gíria e de frases feitas, em clara oposição à linguagem solene, clássica dominante, já que ninguém é de ferro, com intuito de “espírito de porco” (p. 51), e sempre que lhe “der na telha” (p. 34), sem temor de descambar “pro beleléu” (p. 139), disposto a enfrentar “cobras e lagartos” (p. 124), “quer chova quer faça sol” (p. 147).

5 O DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Já aludimos que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se compõe de três seções, com os seguintes títulos: Primeira Parte – Domador de Relâmpagos; 2ª Parte – Hóspede do Tempo; 3ª Parte – Duetto para Cobras e Lagartos.

O curioso é que o poema – Domador de Relâmpagos encontra-se na segunda parte e não na primeira, que o tem como título. Assim posto, na prancha do meio, nos pareceu muito significativo, a espriar-se na sua confirmação metafórica na totali-

dade do retábulo, derramando-se sobre as três partes, pois surge na primeira, como título; na segunda, no desejo de um poema (p.), na terceira, num cotejo com variadíssimos outros fatores (Cobrador de Impostos, p. 152), impondo-se como um símbolo do eu lírico, autêntico domador de relâmpagos, a impor-se sobre a fúria dos quatro elementos, a domar o ímpeto de Eros, a sobrepor-se à insídia de Tânatos, a controlar a criação do poema sob o influxo da palavra. O poeta seria, pois, o domador de relâmpagos, o artifice de uma poesia erguida sobre essa base múltipla, em que se assenta **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** nos leva a um longo passeio pela História, pela civilização ocidental, das Pirâmides do Egito, dos Jardins Suspensos da Babilônia, das muralhas de Jerusalém, do templo de Salomão, dos pináculos do Partenon, dos arcos do Fórum romano, das torres góticas das catedrais medievais, dos palácios renascentistas, da armadura de ferro da torre Eiffel, do casario colonial, dos profetas do Aleijadinho, às jangadas nordestinas, aos edifícios esplendorosos das grandes metrópoles hodiernas, às planícies secas do vale do Jaguaribe, ao pátio da igreja paroquial da vila de São Bernardo das Éguas Russas, ao birô do burocrata, à planura das coisas miúdas do dia-a-dia, tudo isso permeado pelas preocupações com a vida, a morte, o tempo, o ser e a natureza, em seus atributos essenciais e acidentais.

Esses conteúdos são revelados por uma linguagem hierática, em certos momentos, popular e irônica, sem se afastar de uma tonalidade clássica, em perfeita adequação entre fundo e forma: termos e expressões apropriados a reflexões filosóficas; vocábulos e sentenças, portadores de carregado erotismo; palavras e frases de indisfarçável ludismo.

A tônica predominante, porém, é a de uma linguagem liberta de cânones (Cânones, p. 42), com poemas livres, versos soltos, identificados apenas pelo espaço preenchido de uma linha.

Mesmo fôrmas, como o Soneto, a Ode, a Canção afastam-se da rigidez dos preceptistas. O poeta arroga-se o direito de dar à sua poesia a forma que “lhe der na telha”, cômscio de seu ofício, lapidado ao longo de meio século de exercício e no convívio dos mestres construtores da poesia nacional e estrangeira.

Outra faceta indiscutível é que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** resume, em seus versos e formas, motivos e símbolos, procedimentos formais e formalizações temáticas, o universo poético de Francisco Carvalho, de *Cristal da Memória* (1955) *A Concha e o Rumor* (2000), revelando-se uma sùmula de sua trajetória de “domador de relâmpagos”.

Prof. Luiz Tavares Júnior

Bibliografia

- AIRES, Ana Vlândia Mourão: Três dimensões da poética de Francisco Carvalho. Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.
- AZEVEDO, Sânzio de. Francisco Carvalho. In: Literatura Cearense. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, p. 153-528. 1976.
- BATAILLE, Georges. L'Erotisme. Paris, Les Editions de Minuit. 1957.
- CAMPOS, Haroldo. Metalinguagem. Rio, Vozes, 1967.
- CARVALHO, Francisco: varias obras, principalmente O Silêncio é uma Figura Geométrica; texto preparado para publicação.
- KRISTEVA, Julia. Recherches pour une semanalyse. Paris, Editons du Seuil, 1969.
- LANDIM, Teoberto. Francisco Carvalho: Modernidade sem Modernismos. In: Trocando em Miúdos. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto. p. 137-144.1985.
- NASCIMENTO, F. S. Francisco Carvalho: o soneto shakespeariano. In: Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos. Fortaleza, Casa de José de Alencar/UFC, 1990. p. 101-108.
- POÉTIQUE. Intertextualidades. Coimbra Livraria Almedina, 1979.
- SOUSA, Mailma de. Francisco Carvalho: Uma Poesia de Tântos e de Eros. Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.
- _____. Francisco Carvalho: O substrato da quaderna. Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2001.
- TELES, Gilberto Mendonça. A Retórica do silêncio. São Paulo: Cultrix/INL. 1979.

SUMÁRIO

POESIA MADURA, ix

PRIMEIRA PARTE

DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Não sou um robô, 29 ▪ Convite para morrer, 30 ▪ Elegia da ponte dos ingleses, 31 ▪ Pomar alheio, 32 ▪ Mistério dos rios, 32 ▪ Poetas mortos, 33 ▪ Sapatos, 34 ▪ Cante o que lhe der na telha, 34 ▪ Oferenda, 35 ▪ Cinzas, 35 ▪ Tardes do Mucuripe, 36 ▪ Enquanto as vacas pastam, 37 ▪ Condição humana, 38 ▪ Olhar além da mesa, 38 ▪ A volta, 39 ▪ Lavadeira, 40 ▪ Soneto do carrossel, 41 ▪ Cânones, 42 ▪ Quixote, 42 ▪ Divagações dum anterozóide, 43 ▪ Soneto Circular, 49 ▪ Poema das mãos, 50 ▪ Vinho do Porto, 51 ▪ Calafrio, 51 ▪ Tarde demais, 52 ▪ Olhos que te procuram, 52 ▪ Poder da palavra, 53 ▪ Azulejo mourisco, 53 ▪ A morte é uma ladra, 54 ▪ Rascunho apócrifo de FP, 55 ▪ Pesadelo, 56 ▪ Decomposição, 56 ▪ A insônia é um corvo, 57 ▪ Diagnóstico, 57 ▪ A pedra e suas variáveis, 58 ▪ Urzes do amor, 59 ▪ Sete fotografias, 60 ▪ Carrego a noite, 61 ▪ Testemunho, 61 ▪ Cobra-coral, 62 ▪ O silêncio é uma figura geométrica, 62 ▪ Os demônios, 63 ▪ Coisas, 63 ▪ Ouro do dia, 64 ▪ O dia passeia em meu quarto, 64 ▪ Palavras e andorinhas, 65 ▪ Orgia, 66 ▪ Holocausto, 66 ▪ Morte de Sócrates, 67 ▪ Noturno da catedral, 68 ▪ Soneto odorífero, 69 ▪ Noturno do beco, 70 ▪ Noturno das casas, 71 ▪ Noturno da ponte metálica, 72 ▪ O bêbado de Deus, 73 ▪ Disfarce, 74 ▪ Meninos, 74

SEGUNDA PARTE

HÓSPEDE DO TEMPO

Rascunho de Ouro Preto, 77 ▪ Morte do peixe, 78 ▪ Sina de Sísifo, 79 ▪ Cio do ócio, 79 ▪ O tempo e os cínicos, 80 ▪ Donos da terra, 80 ▪ Sombras da terra, 81 ▪ Casa sonhada, 82 ▪ Menino antigo, 83 ▪ Arquétipo, 84 ▪ Dois rios, 85 ▪ Autismo, 86 ▪ Soneto do casarão, 87 ▪ Hóspede do tempo, 88 ▪ Noturno do farol, 88 ▪ Arroio arcaico, 89 ▪ Dialética do poema, 90 ▪ Sugestões de abril, 90 ▪ Teoria do poema, 91 ▪ Alegoria da caverna, 91 ▪ Cachorro no cio, 92 ▪ Metamorfose, 92 ▪ Vestígios da rosa, 93 ▪ Ideogramas, 93

▪ Variações sobre a pedra, 94 ▪ A tarde chega com os pássaros, 95
▪ Ao cair da tarde..., 95 ▪ Cacimba de pedra, 96 ▪ Exílio, 96 ▪
Milonga da serpente, 97 ▪ Súplica barroca, 98 ▪ À sombra de
Hölderlin, 99 ▪ Hora de não dizer adeus, 100 ▪ Som de clarinete, 101
▪ Quase ode ao rei Davi, 102 ▪ Torso da sombra, 103 ▪ Soltos
nas esferas, 103 ▪ Domador de relâmpagos, 104 ▪ Devo um
galo, 105 ▪ Cantiga medieval, 106 ▪ Era domingo, 107 ▪ Ode
aos uivos do amor, 108 ▪ Memória rupestre, 109 ▪ Ode triunfal, 114
▪ Catedral, 115 ▪ Dúvida, 115 ▪ Nuvem e sombra, 116 ▪ Modus vivendi,
116 ▪ Folha, 117 ▪ O sol cai de rijo, 117 ▪ Soneto cósmico, 118

TERCEIRA PARTE

DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

Placenta, 121 ▪ Vaticínio, 122 ▪ Mechas e espigas, 122 ▪ Três
epitáfios, 123 ▪ Dueto para cobras e lagartos, 124 ▪ Réquiem
para um bóia-fria, 125 ▪ Banquete, 126 ▪ Déspotas, 126 ▪ Só o
amor vale a pena, 126 ▪ Rascunhos para uma lápide, 127 ▪
Nuvens, gansos e cavalos, 128 ▪ Sendas da alma, 129 ▪ Profetas
da aurora, 129 ▪ Anatomia do gato, 130 ▪ Vergonha, 130 ▪ Nau
da tarde, 131 ▪ Expulso do tempo, 132 ▪ Poema felino, 133 ▪ Cemitério
azul, 133 ▪ Discurso fúnebre, 134 ▪ Flautas de capim, 134 ▪ Quixote
e o ciclope, 135 ▪ Idade da chuva, 136 ▪ Panorama visto da rua, 136
▪ O vento não sabe que existo, 137 ▪ Dia/gonal, 138 ▪ Assim
caminha a humanidade, 139 ▪ Vale de Josafá, 140 ▪ Cavalo
atômico, 141 ▪ Canção do beco sem saída, 142 ▪ Tríduo, 143 ▪ Um
pouco de tudo, 144 ▪ Coisas da moda, 145 ▪ Tábuas podres, 146 ▪
Cépiea e azul, 146 ▪ Parto do verso, 147 ▪ Harmonia, 148 ▪
Nuvens, 148 ▪ Travessia, 149 ▪ Palavras mudam de cor, 149 ▪
Cisco no olho, 150 ▪ Liberdade, 151 ▪ Cabeça de espantalho, 151
▪ Cobrador de impostos, 152 ▪ Filé com batatas fritas, 153 ▪
Poesia & burocracia, 154 ▪ Mundo pequeno, 155 ▪ Natal
globalizado, 156 ▪ UTI, 157 ▪ Canção da estrada, 158 ▪ Roma, 159 ▪
Passarinho, 159 ▪ Canção da pedra de Itabira, 160 ▪ Hora negra, 161
▪ Balas perdidas, 162 ▪ Zona cinzenta, 162 ▪ Estudo, 163 ▪
Simetria do caos, 164 ▪ Deselogio da mentira, 165 ▪ Sina de
poeta, 165 ▪ Hienas comem folhas verdes, 166 ▪ Núpcias, 167 ▪
A terra é dos mortos, 167 ▪

PRIMEIRA PARTE

DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Famoso ator alemão costumava enxertar improvisos nos textos das peças. A direção do Teatro de Berlim o proibiu de continuar fazendo tais improvisos. Pouco depois, teve de aparecer no palco montado num cavalo. Nesse exato momento, o cavalo portou-se de maneira absolutamente imprópria para se apresentar em público, provocando gargalhadas na platéia. O famoso ator repreendeu severamente o cavalo: *“Você não sabe que estamos proibidos de improvisar?”*

(Anekdota atribuída a Schopenhauer).

NÃO SOU UM ROBÔ

Não sou um robô
sou um aglomerado de moléculas
e nervos e sensações.
Mas isso não me confere o direito
de zombar da cauda do primata
e de seus vícios tribais.

Sou unidade na diversidade
santuário de desejos antagônicos.
A cada minuto sinto que estou esvaziando
a taça de areia do tempo. Logo
serei um fragmento de escória expulso
das entranhas do mar.

Não sou um robô
sou uma constelação de átomos e células
em permanente atrito
sou água e fogo, pedra e mineral
dinâmica, imobilidade, evasão, recusa
do tempo, contemporâneo da morte.

CONVITE PARA MORRER

Chega um tempo em que nos convidam para morrer e achamos tudo muito natural.

Não reagimos, não protestamos, nossas bocas repletas de palavras pornográficas.

Burocratas movem-se lentamente entre epitáfios de um cemitério de computadores.

Eles piscam nervosamente e nos adivinham com as suas retinas de faunos que despedaçam as fotografias nas paredes.

Chega um tempo em que não percebemos as mutações do corpo, a mecânica das pernas e dos braços, o sabor do café, o aroma corrosivo da vodca, a lentidão das idéias o amargor da boca, a acidez da alma.

Chega um tempo em que nos convidam para morrer como se a morte fosse uma viagem de núpcias num transatlântico de luxo.

ELEGIA DA PONTE DOS INGLESES

Ó Ponte dos Ingleses, a ferrugem
e o ácido das ondas não apagam
teu fanal de sentinela das noites
dilaceradas pelo clarão dos navios.

Em teu corpo há vestígios de afogados,
cicatrizes de lágrimas e adeuses.
Amantes e suicidas te procuram
no entardecer sangrento das papoulas.

Ponte metálica. Ponte de ferro
no cio. Ponte ancorada no horizonte.
Um deus te guarda à sombra dos coqueiros.

Ponte dos que partiram. Dos que sabem,
pelo pulsar do augúrio em nosso peito,
que o caminho dos mortos não tem volta.

POMAR ALHEIO

Sempre haverá
uma voz
que te chama
de onde o prodígio
não veio.
Um movimento que
se repete
um gesto que procura
imitar o vôo
do pássaro do seio.
Sempre haverá
alguém querendo desfrutar
a sombra da árvore
do pomar alheio.

MISTÉRIO DOS RIOS

O mistério
dos rios
é que eles passam
por dentro
de nós
e só depois
deságuam no mar.

II

Em noites de lua
e de augúrios
de ventos
e lobos que uivam
de passos e pássaros
que espreitam
os rios pastoreiam
as almas dos afogados.

POETAS MORTOS

Quando os poetas morrem
os seus versos os acompanham.
Tudo será esquecido
ninguém mais se lembrará do nome
dos mortos e dos poemas.
O vento os apagará da face da terra
a lua os fitará com desdém
a chuva cobrirá de limo os seus epitáfios.
Quando os poetas morrem
as suas almas fecham todas as portas
e as metáforas se calam.

SAPATOS

Num canto escuro do quarto
os sapatos amarrotados
cobertos de pó e pela mortalha
senil das teias de aranha.
Vejo marcas de sangue que restaram
das volúveis caminhadas
pelas esquinas do sonho e do amor.
Eles estão ali à espera de mim
como um barco que prepara os seus remos
para a travessia da morte.

CANTE O QUE LHE DER NA TELHA

Cante o que lhe der na telha
a lã do ventre da amada
e o cio de sua orelha
cante a rosa no caule
e sua plumagem vermelha
o seio da lua nova
e o galope da parelha
cante o cheiro de resina
dos esporões da abelha
o claro clarim dos galos
e o jorro azul da centelha
cante o som de veludo
do vinho na botelha
queixas e mágoas do arroio
que mata a sede da ovelha.

OFERENDA

Não exigir muito da vida
nem das pessoas
do orgasmo ou da lenda
deixar o mito arder
no que restou das cinzas de Tróia
deixar o tempo passar
pelos furos da metafísica
não exigir do amor
que a luxúria deixe a sua nódoa
de espuma em todas
as reminiscências dos espelhos.
A vida já é uma oferenda.

CINZAS

Algum dia estaremos
entre estátuas e pensamentos imóveis.
A dinâmica do azul
rolará sobre as nossas cabeças
coroadas de limo.
Algum dia os vagidos da matéria
serão decepados pelo vento.
O que restar das cinzas da ressurreição.

TARDES DO MUCURIPE

Tardes do Mucuripe. Os coqueiros
sacodem ao vento as folhas vertebradas.
Gatos e cães farejam barbatanas,
restos de entranhas e de peixes podres.

Raios de sol dardejам sobre as dunas.
Meninos nus projetam sombras magras
na areia. De longe, o clamor de um surdo
me recorda os tambores de Ravel.

A noite, deusa egípcia, expulsa o dia.
As ondas como que se calam. Fazem
rendas de espuma para noivas mortas.

Ao luar das lâmpadas de mercúrio,
o Mucuripe é senha para o amor
e a volúpia das vagas dançarinas.

ENQUANTO AS VACAS PASTAM

Enquanto as vacas
pastam na relva
escrevo poemas
que ninguém lê
e serão degustados
pelo cupim.

Enquanto as vacas
bebem no rio
imagino coisas
que vão acontecendo
e logo desaparecem
sob os olhos das Plêiades.

Enquanto os bezerros
faz tempo que não mamam
enquanto as vacas
filosoficamente
mijam na grama
os brutos também amam.

Enquanto as vacas
sonham no pasto
com a faca amolada
e o cio dos touros
escrevo epitáfios
para os besouros.

CONDIÇÃO HUMANA

Todos somos contemporâneos dos rios
ligados à placenta do mar
galopamos num cavalo de areia
ou na égua da noite ártica.
Todos cultivamos a erva daninha
dos nossos vícios tribais
todos escondemos as nossas taras
no subsolo da memória.
Todos escrevemos epitáfios
na argila dos minutos.
Todos nos rendemos à sedução
das taças de ópio do amor.
Todos somos loucos ou barrocos.

OLHAR ALÉM DA MESA

Não é a mesa que eu vejo
sob a toalha de linho
onde os vinhos arrulham em taças
de cristal.
Vejo uma árvore esgalhada no topo da montanha
de braços abertos
acariciada pelo vento e os pássaros.
Marcas do tempo e das fúrias do céu nas cicatrizes
do caule, o sangue a escorrer das cinco
chagas do lenho e dos estigmas dos mártires.

A VOLTA

Um chuvisco inesperado desenhava
alegorias no ar quando
ele voltou do solar dos espantos.

Tinha marcas, na face, de flechas
e adagas, mas o rosto sereno
dissimulava o odor da morte.

Seu olhar percorria os móveis
do tempo em que ele semeava
o trigo da luxúria nos lençóis.

Reconheceu cada objeto e lugar
da casa. Até mesmo o cheiro
de cio e forragem dos estábulos.

Cheiro de suor e feno nos quartos
e nas salas, onde ainda se ouvia
a respiração dos cavalos.

Mogno dissoluto, a cama ainda
estava ali: almofadas
e o dossel salpicado de orgasmo.

A antiga pêndula jazia na parede,
silenciosa, como se recordasse
cada minuto da eternidade.

LAVADEIRA

A lavadeira
apaga as nódoas do pecado
com espuma de sabão.
Lava o orgasmo
das roupas
o sangue dos lençóis de linho
as lágrimas dos rios
e dos peixes.
Só não apaga o aroma
de vinho
dos seios da amada.

A lavadeira
lava o mênstruo das águas
o vômito do rio
o cio da rãs
e a luxúria dos sapos.
Apaga a memória
deixada pelos rios nas retinas
dos afogados.
Só não apaga a chama
que incendeia
as relvas da amada.

SONETO DO CARROSSEL

Viu a tarde cair do seu trapézio
numa chuva de raios. (Outras tardes
virão, enquanto os homens pastoreiam
deusas de espuma e orquídeas amarelas.)

Viu o séquito da aurora. Os cardumes
dos astros nas esferas. A mentira
cavando os alicerces do seu reino.
E o vento arder na pira dos andróides.

Tudo isso ele viu e já sabia
que a roda da fortuna é um carrossel
onde as sombras dos mortos se repetem,

e a ronda dos cavalos, a intervalos.
Só não sabia que no espaço em chamas
o homem é a caverna de si mesmo.

CÂNONES

Os críticos falam muito de cânones
de arquétipos
de estereótipos
de formas padronizadas
de esquemas rígidos
de estruturas fossilizadas
de regras ortodoxas.
Falam, sobretudo, de cânones.
Mas o que são cânones?
Eu não tenho medo de cânones.
Tenho medo de canhões e de cães
de todas as raças e linhagens.
Dos vira-latas aos pitbus.
Principalmente dos que usam óculos de grau.

QUIXOTE

A magreza do cavalo
do teu corpo e da espada
destoava de tuas apoteoses verbais.
Ó fidalgo da triste figura
tu semeavas o trigo do riso
em tuas misteriosas cavalgadas por
moinhos de vento e madrugadas de sangue.
Eras a alma ensolarada da Espanha
dilacerada pelos gemidos
dos touros e das guitarras dos mouros.

DIVAGAÇÕES DUM ANTEROZÓIDE

Cego diamante
o tempo é a foice da lua
em quarto minguante.
Meu olho de navegante
e o purgatório de espumas
que se ergue adiante.
O homem é um viajante
das galáxias. O cometa
de cauda menos brilhante.
Vivi cada instante
para aprender que a vida
não dura o bastante.

II

Ovelhas e bodes
pastam indiferentes
às nossas odes.
A ode mais perfeita
não vale a metafísica
da cauda de um gameta.
Polir os bigodes
mais agrada às amadas
do que nossas odes.
As odes de Anacreonte
passaram. Como os rios
debaixo de uma ponte.

III

Bardos e moscardos
vossas asas de areia
pesam mais do que fardos.
Entre rosas e acordes
rolaram as cabeças
de alguns reis e milordes.
Todos somos bastardos:
descendemos dos primatas
ou dos leopardos.
De noite os gatos são **bardos**.
Mas nem todos fingem
que são pardos.

IV

A vida e os seus dilemas
é que dão sabor e aroma
aos nossos poemas.
Mais vale a paz dos cimos
do que a epopéia
dos nossos desatinos.
Melhor cantar uma jóia
falsa do que as fogueiras
do incêndio de Tróia.
Celebrar o veludo
dos montes da amada
do que as cinzas do entrudo.

V

Poeta contemplativo
a vida não é um brinde
às núpcias do teu umbigo.
Nossas rimas políglotas
nada sabem do zodíaco
e das rotas das gaivotas.
Quebra, se for preciso,
o espelho em que flutua
teu rosto de Narciso.
Os côncavos e convexos
da amada vão às ágoras
zombar dos nossos versos.

VI

A ponta da asa
do mistério passeia
pelos cômodos da casa.
Enquanto dormes
galopam sobre o teu corpo
manadas de unicórnios.
Cai a noite antiga.
A lua põe seus ovos de prata
no alto da cornija.
Tudo agora se cala
para escutar as corujas
rasgando mortalhas.

VII

O tempo , esse adivinho
que semeia augúrios
pelos caminhos.
O tempo e seus heliantos
de areia. Correnteza
de orgasmos e acalantos.
O tempo é esse invento
dos deuses. Romaria
de ausências ao relento.
O tempo é uma onda
que vai e volta.
Metáfora da anaconda.

VIII

Deus é algo incandescente.
Sou cria do espantalho
esse fauno de palha.
Deus é o centro de todas
as simetrias do universo
e de suas abóbadas.
Deus é o que trespassa
o corpo e seus labirintos.
O vértice do átomo.
Deus é o átomo.
O princípio de todas
as velocidades da alma

IX

O poema e suas lavras
de utopia: o poema
é uma orgia de palavras.
Ramalhete de signos.
Bolina os seios da amada
com os seu olhos malignos.
Do alto de um teorema
um demônio contempla
a nudez do poema.
O tempo é um rio inerte
que deságua no poema.
O poema é o que verte.

X

O homem muda de rosto
e enfeitiça as donzelas
com os seus olhos de boto.
Vem de um tempo remoto
mas não perde a volúpia
nem o tesão do boto.
Tem fama de douto
massacra os da espécie
com flechas de perdigoto.
Produto do zigoto
o homem sobe à lua
ou mergulha no esgoto.

XI

A palavra é um corpo
de luz que se move entre
os arquétipos do mito.
É a voz que se anuncia.
O augúrio do corvo. A trama
dilacerada da utopia.
A palavra é a pilastra
das idéias. O núcleo
da chama que se alastra.
É o sangue da alba
que escorre da infância
para o seio da lauda.

XII

A palavra é o caminho
para o enigma da porta.
Taça que transborda
sobre as veias do linho.
Labareda que se enrosca
nos gestos do adivinho.
A palavra nos lábios
e o vinho que ressoa
nas cordas dos adágios.
A palavra é uma adaga
que trespassa todas
as ausências da alma.

SONETO CIRCULAR

Estes olhos que a terra há de comer
estes braços erguidos para a súplica
estas pernas que partem mas não voltam
e estas mãos que se guardam para o adeus.

Estas veias que pulsam e as artérias
que irrigam montes e os trigais do amor.
Esta chama que arrulha em nosso peito
e este punhal cravado na memória.

Este adágio do verbo que ressoa
nas frinchas das paredes, nas aldrabas
das portas, e a canção que dilacera

as cordas das guitarras, e esse rosto
que me persegue dentro das retinas
dos meus olhos, que a terra há de comer.

POEMA DAS MÃOS

Para Adélia Prado

As mãos de Adélia Prado
tecem palavras e parábolas.
São como raízes de uma árvore que reverdece
quando tocada pela carícia
das primeiras chuvas.

Mãos enérgicas como as dos ceifadores
de espigas maduras.
Mãos que recordam os aromas do tempo
da colheita dos pêssegos.
Os pergaminhos onde se escreveram as primeiras
revelações dos profetas, os clarões
do verbo, onde o espírito arde e permanece.

Mãos robustas dos que podam os brotos das vinhas
dos que desbravam caminhos
dos que semeiam o trigo da esperança
dos que celebram as epifanias das madrugadas
das que lavam roupas e rezam
pelas almas dos que se afogaram nos rios.

Mãos de poeta que na mais densa treva
vai à procura do fragmento
em que se contém a plenitude do eterno.

VINHO DO PORTO

Vinho do Porto
para o que
vem da horta
e vai para o horto.
Para o que
(sendo direito)
já nasce torto
para as núpcias
da alma e do corpo.
Vinho do Porto
para sair do
espírito de porco.
Até para as
orgias do morto.

CALAFRIO

O amor
é um calafrio
que nos percorre
o corpo
e vai desaguar
na foz
de um secreto rio.

TARDE DEMAIS

Meu coração está cheio de reticências
de espaços e salas vazias.

O vento escreve epitáfios em todas
as janelas do meu exílio.

As pessoas que encontro nas ruas
tiveram sonhos reais
semearam monumentos e árvores
nos desertos da memória.

Era tarde demais
quando os adivinhos me disseram
que só o amor é necessário.

OLHOS QUE TE PROCURAM

As velas que vêm do mar
o regato escondido nas pedras
e os olhos das raízes te procuram.

A romaria das nuvens dançarinas
a vertigem das asas no azul
e os olhos da ausência te procuram.

A noite debruçada nos gumes das escarpas
os lírios e delírios das marés
e os olhos dos espinhos te procuram.

As pombas que põem os seus ovos
de mel no alto das cornijas
e os olhos da eternidade te procuram.

PODER DA PALAVRA

Uma palavra
basta
para acordar os
demônios
que se hospedam
no poema.

Uma palavra
basta
para estancar
as veias desatadas
do poema.

Uma palavra
basta
para ferir de morte o poema.

AZULEJO MOURISCO

Quixote. O cavalo.
As vértebras expostas.
O riso na ponta da espada.
O vento. Os moinhos. Rocinante
e o jumento. A pastora Marcela e seus
namorados. A fidalguia
reinventando os mitos do amor.
A Espanha e seus entardeceres mágicos.
Obeliscos de sangue. Fantasmas
debruçados nas ameias.
Os lindes. As lendas. Os aloendros.

A MORTE É UMA LADRA

Uma esfinge de areia
em figura de cabra.
Cadela no cio
a morte é uma ladra.

Vaga pelos caminhos
essa deusa macabra.
O seu nariz de foice
lembra o perfil de um sabre.

Feche todas as portas
e janelas. Não abra
nem mesmo para o vento.
A morte é uma ladra.

Ponha ferrolho de aço.
A mais sólida aldraba
na porta do lumiar.
A morte é uma ladra.

RASCUNHO APÓCRIFO DE FP

Ó mar de Portugal
quanto do teu sal
me fez perder o ritmo
da pressão arterial!

Ó mar de Cabral
um pouco do teu sal
entope as minhas veias
de poeta municipal.

Ó mar das caravelas
e do Santo Graal.
A vida é um epitáfio
de lágrimas de sal.

Ó mar do ilustre Gama
ergue o teu fanal
sobre as sombras barbudas
dos reis de Portugal.

PESADELO

Enquanto dormes, seres e objetos alados
desabam sobre o teu corpo, mergulhado num pântano
de inércia. Fragmentos de cauda de cometas
vão-se acumulando nos teus olhos e nos ouvidos.
Os arranha-céus escutam tua respiração
de cardíaco e a tosse obstinada de asmático.
Mãos invisíveis removem o sangue da hemoptise.
O universo vira de cabeça para baixo.
A rotação da terra muda bruscamente de ritmo.
Enquanto dormes, os cavalos da morte
galopam velozmente nos prados dos lençóis.

DECOMPOSIÇÃO

Tudo se gasta aos olhos do relento.
A pedra e o rosto dos homens não resistem
à corrosão do tempo e das marés.
As quilhas de aço dos navios são trituradas
pela matilha das espumas e o salitre dos temporais.
Até a alma vai secando lentamente dentro
do corpo, se consumindo feito o gume duma faca
amolada. Tudo se gasta, menos a lembrança
da amada que dormiu em tua cama
e deixou nos lençóis o cheiro de cedro do seu corpo.

A INSÔNIA É UM CORVO

O corvo da insônia te visita todas as noites
com a pontualidade de um cão
que volta para os afagos do seu dono.
Longas são as noites e o galopar alucinado
dos barbitúricos. Pálpebras de chumbo são conchas
de um molusco que esmagam tuas pupilas.
Dardos de mercúrio perfuram a luminosidade
de tuas retinas. O último dos anjos foragidos do céu
te arrebatava num cavalo negro, no exato
momento em que se fecham as cortinas do dia.

DIAGNÓSTICO

Vais ao médico e confessas a ele as tuas aflições
mais íntimas e os teus pecados capitais.
A dor no ventre, o ardor na próstata, a cavalgada
veloz do sangue nas artérias, mel de abelha
nas veias, pulso fora do ritmo, as mazelas
que devastam o corpo e as dissonâncias da alma.
Ele te perscruta com olhos de felino
te apalpa dos pés à cabeça, te percorre
por fora e te adivinha por dentro.
Depois lavra a sentença na tela do computador:
procure um especialista em morte súbita.

A PEDRA E SUAS VARIÁVEIS

A imobilidade da pedra dialoga com a dinâmica do vento. A pedra é um hipopótamo de lodo que flutua nas águas do rio. A pedra se move em sua órbita de orvalho. Planeta incendiado pelo atrito e a inércia das esferas a pedra repousa em si mesma até completar a curva da parábola. A pedra é a placenta de um bólido do tempo do apocalipse quilha e âncora das naus e utopias de Ulisses. Medusa de seios de limo, o dorso da pedra se contorce, o fel do tempo jorra dos poros e artérias da pedra. Enquanto o vento celebra os ritos da cabala, a pedra semeia o pólen de ouro da parábola. Filha do sol, descendente da chuva, a pedra parece um ruminante remanescente do dilúvio. A pedra pastoreia o vento, soletra as sílabas da água decifra os enigmas do homem, subverte as leis do tempo. Quando a noite despe os seus mamilos fartos, a pedra põe os seus ovos de limo na boca dos lagartos. A pedra passa pelo pórtico do paraíso, pela ponte pênsil, pelo portal do purgatório. A pedra prolifera na paisagem. Contemporânea dos astros e das galáxias a pedra é memória e esquecimento do tempo que se dispersa em poeira cósmica.

URZES DO AMOR

Vejo as formas mutáveis da paisagem
através da moldura da janela.
A tarde já se deita na colina
para embalar a insônia dos bezerros.

Roça-me o som dourado de uma flauta
e acorda em mim os passos do menino.
Mais do que o tempo, o sonho se evapora
e vai arder nas chamas do prodígio.

Fantasmas de veludo vão passando
no céu. E, repentinamente, o azul
é uma taça de augúrios que transborda.

O que restou das nossas utopias?
Urzes do amor germinam no meu peito
e vão florir na ausência dos teus olhos.

SETE FOTOGRAFIAS

Ali havia uma porta e uma cruz
de malta desenhada com o sangue dos mortos
a profecia de uma parede de alvenaria
com sete fotografias de Lorca.

Ali havia uma porta que nunca se abria
um relógio de água decependo os lírios do tempo
o fulgor da agonia dos touros
quando o sangue jorrava das cordas de aço
das guitarras dos mouros.

Ali havia uma porta, havia uma pêndula
a âncora de um navio de papel
barcaças e gaivotas ancoradas numa restinga
ali havia o magnetismo de uma foice
as botas de um soldado, os gritos e sussurros
das almas dos cães perdidos na noite.

Ali havia o gemido de uma porta
uma parede de alvenaria, o limo do vento
e da chuva, a dança da chama, o pássaro na gaiola
os degraus da vertigem, o laço da força
e as sete fotografias de Lorca.

CARREGO A NOITE

Carrego a noite em meu peito
com seu cortejo de duendes e fantasmas.
Os mortos me fazem perguntas indiscretas
querem saber dos orgasmos que tive
e até mesmo dos montes de relvas das namoradas.

Carrego a noite em meu peito
dilacerado por todas as ausências.
A noite constelada de augúrios e escorpiões
e da plumagem dos anjos que perderam a memória.

Carrego a noite em minhas retinas
de mendigo bêbado expulso do albergue.
Fragmentos de átomos gargalham nas alturas
zombam dos mortos e de mim.
Carrego a noite em meus ombros de Sísifo.

TESTEMUNHO

Não é o tempo que nos mata.
O que nos mata
é o uso indevido
que fazemos do tempo
e de suas dádivas.

COBRA-CORAL

A cobra-coral e seu magnetismo de bailarina bêbada
o seu fulgor de deusa foragida dos infernos
o seu faro de cadela no cio
o seu andar de fêmea que esvaziou uma taça
de ópio, os seus anéis de faíscas
atômicas, o seu gélido olhar de morfina
a sua nostalgia do paraíso perdido
sua memória enroscada na coluna vertebral de Eva.
A cobra-coral e sua pele de égua dos deuses
o seu rastro de sangue no tempo
os seus caninos triturando o que resta
das cinzas e utopias do amor.

O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

O luar é um líquido espumoso por cima
dos telhados. A noite dispara flechas de mercúrio
sobre as coisas enroscadas em suas conchas.
A escuridão se dispersa nas copas das árvores.
Os meus olhos são punhais cravados
no dorso dos séculos. Escuto os ruídos da insônia
e dos caninos do envalô triturando os gritos
e os ossos dos ratos. O silêncio tem
ângulos agudos de figura geométrica. Um cão
ladra à espera de que a porta se abra.
Somos os trapezistas de um teatro de fantoches.
No centro do picadeiro os instintos
rugem como feras numa jaula.

OS DEMÔNIOS

Os demônios estão em toda parte:
nos bares, nas esquinas, nas avenidas
nas ruas escuras ou iluminadas
nos velórios e funerais de pessoas ilustres
na Internet, nas caixas eletrônicas
nos bancos dos jardins onde os namorados
se mordem ferozmente entre juras de amor eterno.
Vão à igreja nos dias de páscoa, recitam
salmos e ladainhas em voz alta, são admiradores
e comensais de Machiavel, têm especial
predileção pelo Eclesiastes, eventualmente são
vistos nas catedrais, onde exibem suas
negras túnicas e medalhas de bronze.
Às vezes nos visitam em cavalgadas súbitas.
Principalmente nas repartições públicas.

COISAS

Coisas são coisas, nada mais que isso.
Inútil desvendar-lhes os segredos que escondem
nos seus corpos e na trama de sua
eternidade provisória. As coisas se bastam
porque são coisas que não dependem
dos nossos sentidos. São entidades neutras.
Ora são encarnadas, ora são azuis.
Germinam sob a luz do húmus. Dimensões
esculpidas pelo espaço, pela alquimia
e o ácido das chuvas. São pássaros
embalsamados, cujas asas polidas pelo vento
guardam vestígios de segretos vôos.

OURO DO DIA

É bom acordar, sentir que o dia
nos inunda, que a luz nos trespassa com
seus gumes de ouro derretido.
Acordar e ver que tudo recomeça outra vez
que a vida é eterna e que os minutos
não cessam de tecer sua teia de Penélope.
Bom acordar, não dizer palavra
aos ouvidos das paredes, esperar que o dia
se derrame dentro de casa, arrebente
as vidraças dos arranha-céus e que nos venha
lamber o rosto com a sua língua
áspera de cachorro no cio.

O DIA PASSEIA EM MEU QUARTO

O dia passeia em meu quarto
com a sensualidade de uma cobra-coral.
Seu corpo ondulado se estira
por cima dos móveis e sua cauda fulgurante
incendeia o dorso dos espelhos.
O dia atravessa as paredes e as portas
funda o seu império de fogo
nas artérias das pedras e dos objetos
e faz com que as espigas da utopia amadureçam
nos celeiros. O dia é um plantador
de vinhas que volta para casa, seduzido
pelos aromas da mulher e do vinho.

PALAVRAS E ANDORINHAS

As palavras são ocas e vazias
iguais aos olhos vazados de um cego de nascença.
Voam em bando como as andorinhas
que emigram para os estios.
As palavras em romaria nas folhas de papel
ovelhas extraviadas à procura
da flauta do pastor.

As palavras fogem de mim.
São pássaros assustados que regressam
dos temporais da noite e do mar.
Eu as encontro todos os dias, mas não consigo
guardá-las na memória e no coração.

Escuto o rumor das palavras
que se levanta das entranhas da alma.
Escuto o balido das vozes das ruas, das multidões
sem rosto que se dispersam na escuridão.
As palavras me arrebatam
decepam meus pensamentos e minha sombra.

ORGIA

Na mesa os copos cheios de ira
e ranger de dentes. As taças
e espumas repletas de luxúria.

O vento acaricia os crespos
pensamentos das samambaias.
Pombas, os teus seios alçam vôo.

Na mesa todos os sentidos dardejaram.
A música ergue seu pênis de cristal e trespassa
as dobras de seda do cio das moças.

HOLOCAUSTO

A mesa é o lugar do holocausto.
Silêncios farfalham entre as dobras
das vozes dos comensais.

A noite tem o perfil de uma esfinge
que não se devora. A chama
das velas fustiga o ácido dos beijos.

Mesa repleta de volúpias canibais.
Os mortos nos agridem
com os seus rituais de putrefação.

MORTE DE SÓCRATES

Sabeis, amigos da ágora,
que devo um galo a Asclépio.
Xantipa fez um banquete,
fritou as carnes mais brandas
e as regou com puro azeite.

Festa regada com vinho,
silogismos e axiomas.
O fato é que esse obséquio
agora me oprime a alma,
pois devo um galo a Asclépio.

Críton, amigo dileto,
roça-me o hálito inaudito
da morte. Se devo um galo,
não é justo que essa infâmia
tolde o que resta do mito.

Sinto o veneno explodindo
nas veias das minhas pernas.
Não basta a filosofia,
agora que as minhas dúvidas
não são verdades eternas.

NOTURNO DA CATEDRAL

Jorram silêncios góticos
do âmago das pedras.
Deus escreve no mármore
parábolas eternas.

Os vitrais incendeiam
mártires de olhos claros.
Asas que arrulham. Verte
sangue dos candelabros.

Sons de harpas. O incenso
gorjeia pela nave.
Anjos de curvas barrocas
dizem preces e salmos.

De repente, um sussurro
sai do fundo da cripta.
São os mortos em trânsito
para a noite infinita.

SONETO ODORÍFERO

O odor das marés recorda o cheiro
da respiração das vacas que pastam
nas colinas. Lembra o frescor do hálito
do berro adocicado dos bezerros.

Odor de peixe, odor de barbatanas,
de conchas que se partem, de moluscos
que habitam as profundezas das cavernas.
Odor de seio e espuma fecundada.

Odor de escamas, cascos de navios.
De pássaros voltando aos arquipélagos
para as eternas mutações da vida.

Odor de porta aberta para a noite.
De ninho que, passada a primavera,
bebe o licor do seu primeiro arrulho.

NOTURNO DO BECO

Os fantasmas do beco
apagaram as luzes.
São vestígios de sombras
caladas e confusas.

O beco dorme cedo
tem lá os seus recatos.
As rãs que ali gorjeiam
gorjeiam para os sapos.

Às vezes um boêmio
vagueia pelo beco
em busca de cachaça
ou do seu endereço

O sol não vai ao beco
por isso é sempre escuro
distante do presente
ausente do futuro.

NOTURNO DAS CASAS

Sopra o vento à deriva
nos telhados das casas.
A insônia das corujas
corta e rasga mortalhas.

Os lagos dormem. Sapos
dos tempos do dilúvio
cantam para as estrelas.
Um cântico de fúria

para os deuses do pântano.
As pupilas da água
são os olhos dos mortos.
O arroio toca flauta.

A nau da noite avança
por distantes setembros.
É tempo de ancorar.
Cuidai de vossos remos.

NOTURNO DA PONTE METÁLICA

Das ondas chega a noite,
filha da espuma atávica.
Orgasmos brotam do vento
e da ponte metálica.

As luzes dos navios
rastejam sobre as águas.
Seios que ainda arrulham
como os filhos das aves

despencam dos vestidos
com sedução felina.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina.

Odor de fêmea e cio
de conchas e mariscos
semeia nas entranhas
desejos infinitos.

Pairam sobre os amantes
reflexos de alumínio.
Nesse jardim de nádegas
até o mar bolina.

O BÊBADO DE DEUS

Ao poeta Gerardo Mello Mourão

Eras do reino de Nápoles
de onde contemplavas o dorso nevado dos Apeninos.
Costuravas as roupas dos pobres da aldeia
e ainda cuidavas de suas utopias.
Eras o mágico e o trapezista de um circo mambembe
pendurado à beira do abismo.
Levitavas, pássaro de Deus, como folha tangida
pelo vento, e te equilibravas
nos vértices do êxtase.
Eras o Bêbado de Deus, o que flutuava sobre
o despenhadeiro das seduções.
Morrias porque não morrias de amor
porque o sangue do imolado não jorrava de tuas veias
de enamorado dos arcanos.
Tua velha batina caminhava pelas ruas de Muro Lucano
e os olhos dos botões decifravam os enigmas
das pessoas, o negror das almas
fustigadas pela doce memória do pecado.
Às vezes o vento te erguia do chão
e rodopiavas no espaço, entre anjos bêbados
e andorinhas íntimas do azul.
Eras o que dialogava com vozes e silêncios
que te visitavam na clausura, entre sussurros de asas
e reminiscências de outras esferas.
Eras o provedor do pão e do vinho da palavra
o pastor de ovelhas tresmalhadas
o bálsamo que ungia as feridas dos leprosos
o que semeava caminhos na encruzilhada das águas
o que chamava os pássaros pelo nome
o que agasalhava no peito uma coroa de espinhos.
Eras o Bêbado de Deus.

DISFARCE

Se a porta estiver fechada
não abra
que o vento e a sombra da esfinge
rondam as casas.
O vento arranca o pêlo das cortinas
e as barbas dos retratos.
A morte é uma ladra.

Se a porta estiver fechada
não abra
que algumas vezes a morte
se veste de cabra
ou de cadela que ladra.

MENINOS

Os meninos
chegaram inesperadamente
das rampas de lixo
com os rostos
lanhados
de cacos de vidro
quando lhes
disse que só me restava
um naco de sonho
para oferecer-
lhes, eles
ainda tiveram
força para zombar de mim.

SEGUNDA PARTE

HÓSPEDA DO TEMPO

Canta-se o que se perde.

ANTÔNIO MACHADO

O homem começa a envelhecer
quando o trabalho começa a dar prazer
e o prazer começa a dar trabalho.

(Autor desconhecido)

RASCUNHO DE OURO PRETO

Ao Prof. Fábio Lucas

Nuvens desabam do céu sobre telhados coloniais.
Olhos de corujas barrocas relampejam
no alto das cornijas.
Bátegas apedrejam os vitrais das igrejas
onde Cristos de pedra-sabão
foram trespassados pelas flechas do gótico.

Fantasmas descem ladeiras ou vagueiam pelas encostas.
Harpas de musgo gorjeiam nas fendas das pedras.
O tempo, aqui, é uma artéria que sangra.
O silêncio impõe sua marca de cobre
nas paredes vergadas sob o lenho dos séculos.

A chuva espalhou estilhaços de vidro
nas pupilas insones da água.
Profetas sussurram palavras de fogo
monossílabos de relva e limo
aos ouvidos de pássaro do Aleijadinho.

MORTE DO PEIXE

O peixe recém-chegado
das profundezas do mar.
Seus olhos ainda brilham
e esse brilho assusta a morte.

No dorso, que ao sol reluz
(além da orgia das moscas)
vestígios de espuma e alga
de cavalgadas remotas.

O peixe ainda se agita
na superfície da pedra.
A morte, a faca amolada
mas o peixe não se entrega.

Escórias de maresia
chegam no vento da tarde.
A vida ainda se agita
nas barbatanas da cauda.

O peixe já não respira
nem ouve o rumor das águas.
Apenas nódoas de sangue
perto da faca amolada.

O peixe agora é um fantasma
sob os raios do equinócio.
Só os olhos ainda brilham
e esse brilho assusta a morte.

SINA DE SÍSIFO

Passo horas a fio ruminando
as vísceras do poema e não acho a palavra
exata para dizer as coisas mais simples
da vida, nem o que penso do cachorro do vizinho
que me ameaça com os seus caninos
amolados. Laudas e laudas rabiscadas e não
consigo desenhar o esqueleto do poema.
Desisto de tudo, jogo as palavras
na cesta de papel e me sinto leve e descontraído
para recomeçar meu trabalho de Sísifo.

CIO DO ÓCIO

Preciso do cio do ócio para escrever o poema
do metal do vento e do som das folhas
que despencam dos outonos e das árvores.
Preciso dos murmúrios das águas
dos córregos onde as borboletas se banham
da música libertária das ruas
e do balir das ondas ao entardecer.
Dos aromas e fantasmas que se dispersam
pelos cômodos da casa, das mãos
que desenham as curvas das nádegas
e dos seios. Preciso da argila da cólera para
esculpir a face escarnecida do poema.

O TEMPO E OS CÍNICOS

Estou a mil anos-luz da aurora metafísica
anunciada por todos os profetas.
Vagarosamente acompanho a metamorfose
das galáxias que se dispersam com
a simetria de uma diáspora de formigas.
Vejo a cavalgada dos cínicos e escuto o rumor
dos metais dos cavalos do rei, o seu riso
obsceno e o brilho das espadas corroído pela
ferrugem do mar. Os cínicos se despem de seus
paramentos, das máscaras e medalhas.
Agora os vejo nus diante dos juízes e do povo.
Posso ouvir o gotejar do tempo, o pêndulo
das horas fustigando os meus nervos
com seu martelo de bronze.

DONOS DA TERRA

A terra é dos mortos
e dos seus descendentes.
É da negra lavoura das espigas
que apodrecem no celeiro dos dias.
É das léguas de capim
e das ressurreições da paisagem.
Só os mortos plantam
os seus roçados de memória
nesse vale de lágrimas.

SOMBRAS DA TERRA

Sombras da terra
sombras das árvores fulminadas pelos relâmpagos
fantasmagorias de osso e relva
sombras estúpidas de alimárias mortas
com seus ventres rotundos
e as retinas dilaceradas pelas raízes.

Sombras de asas de abutres pendurados na montanha
sombras de afogados contempladas
pelas órbitas da morte.

Sombras velozes do átomo jorrando das entranhas
do céu. Sombras de mártires decapitados
sangrando em lápides de areia.

Sombras dos avôs barbudos, íntimos
das noites de chuva e dos relâmpagos do mar.
Sombras dos meridianos em chamas
sombras dos enforcados com braceletes de serpentes
sombras de medusas de cabelos revoltos
e pensamentos encaracolados.

Sombras dos párias a caminho do patíbulo
sombras dos espantalhos apunhalados pelas espigas
sombras dos bules de cristal, das chávénas
repletas de ódio. Sombras das velhas
torres amortalhadas de limo.
Sombras emasculadas por demônios de olhos verdes.

Ó sombras traiçoeiras da fantasia
sombras dos anjos expulsos da catedral
sombras dos cães seduzidos pelo sangue da lua
sombras sem rosto e sem memória
estarei à espera na encruzilhada dos caminhos
que se bifurcam no poema.

CASA SONHADA

Sonhei uma casa
de vento as paredes.
O teto é uma nuvem
de plumagem verde.

Casa que veleja
no tempo: uma barca
ancorada na anca
de uma escarpa.

Casa sem lucarna
sem viga e lucerna
sem trancas nas portas
sem pedra do cerne.

Fantasmas arcaicos
descem da montanha
passeiam nos fios
das teias de aranha.

Casa erguida pelo
cântico dos galos
e pela memória
dos antepassados.

MENINO ANTIGO

Era de um tempo em que os anjos
tinham olhos de topázio e seios de veludo
os aromas do ópio e da morfina.

De um tempo em que as chuvas do equinócio
desenhavam borboletas de limo
na memória dos retratos e dos espelhos.

De um tempo em que as moças sonhavam
com mastros de navios acariciando
as nádegas das nuvens.

De um tempo em que os poetas
e seus alaúdes bolinavam
os seios das dançarinas da faiança.

ARQUÉTIPO

O poema feito com método e sob medida
semelhante ao molde de um sapato.

O poema exato na forma
cada palavra em seu tempo e lugar
tão preciso nos fundamentos de sua arquitetura
que pareça o raiar do gume de uma faca.

O poema com o rigor da engrenagem
de um artefato suíço, a lógica
irrevogável de uma equação matemática.

O poema reduzido à sua nudez
mais límpida; essencial como o tijolo
na parede e a chave na porta.

O poema que dialoga na hora certa
que está presente no tempo, nas ausências
da alma e nas cicatrizes do corpo.

O poema que se ilumina de coisas banais
e não precisa vagar pelas esferas
e os subúrbios da metafísica.

DOIS RIOS

O Rio Jaguaribe
não é o Capibaribe,
que tem plumas de cão
e galopa em declive

para o mar. Não é um
rio cosmopolita
cantado em pedra e verso,
rimas pobres e ricas.

Não é um rio urbano,
uma serpente ilustre
que devaneia à sombra
de arranha-céus de luxo.

O rio de que falo
desliza na planície
e não sob os mamilos
das pontes do Recife.

O rio que recordo
corre em glebas amargas.
Mas nunca falta sangue
para o leite das cabras.

É um rio fuzilado
pelas flechas dos climas.
E sempre esteve ausente
das odes cabralinas.

O Rio Jaguaribe
não é o Capibaribe.
Que dorme no seu leito
feito um morto no esquite.

AUTISMO

Se o poema fala sozinho
se não dialoga
se não se rebela
se não se interroga
se não vai ao banquete
dos mitos que estão na moda
se não se incomoda
com o sangue da nódoa
se aos raios do sol
prefere os raios da roda
se vai à festa do povo
com plumagem de milorde
se não corta as palavras
no tempo da poda
se não desata o nó cego
na ponta da corda
se não protesta
contra os vícios da toga
– o poema e seu dono
a um passo da cova.

SONETO DO CASARÃO

O casarão mergulha na penumbra.
A nau da noite avança pelas salas
desertas. Os fantasmas dos retratos
subitamente descem das paredes.

Nos quartos, nos espelhos, nas aldrabas
das janelas e esteios da varanda:
só restaram vestígios de remorsos,
de volúpias e amores clandestinos.

O mistério seduz com seus ardis.
Fímbrias de seda purgam seus pecados
nas chamas dos instintos, que as devoram.

Cessa o clamor das portas de imburana.
Pelas frestas das altas clarabóias
irrompe a cavalgada dos centauros.

HÓSPEDE DO TEMPO

O poeta é um ser do espaço e do tempo.
Coração que pulsa no mesmo ritmo das coisas
que se movem.
O poeta é um exilado dentro de si mesmo.
Às vezes encontra as portas abertas
e sai da caverna do corpo para
se encontrar com as namoradas e os amigos mortos.
O poeta vê o futuro no fundo das retinas
decifra os ciclos das estações
e as cavalgadas das marés que se alimentam
dos detritos do mar.
O poeta sai do corpo e entra na concha da alma.
Sabe que não precisa estar o tempo todo
bolinando as coxas da metafísica.

NOTURNO DO FAROL

Ó velho e sonolento Farol
só vês agora fantasmas de navios
e de marujos que naufragaram nas rotas da noite.
Fantasmagorias dilaceradas pelo vento
e o salitre das espumas do mar.
Ó pastor dos navegantes e das prostitutas
seduzidas pelo adágio das marés.
Ergue de novo as tuas pálpebras de ciclope
sobre os naufragos do sonho e da vida.

ARROIO ARCAICO

O rio da minha aldeia
é um arroio arcaico.
À maneira de Sísifo
vai levando o seu fardo.

O rio da minha aldeia
não tem conchas na orla.
Só fantasmas ruminam
as relvas da memória.

A adaga dos estios
golpeia-lhe a carótida
e o sangue vivo escorre
para a planície inóspita.

Noite de vento e augúrios.
No céu são altas horas.
O arroio se ilumina
para as núpcias das cobras.

Ninguém canta o meu rio
(nem as brisas da tarde).
À maneira de Sísifo
vai levando o seu fardo.

DIALÉTICA DO POEMA

Fazer um poema
não é dizer coisas profundas.
É ver as coisas como as coisas não são.

Fazer um poema não é viajar no espelho.
É ir à procura do rosto do homem
perdido na escuridão.

É descer às raízes do sangue e do mito.
Fazer um poema é estar em conflito
com os dedos da mão.

SUGESTÕES DE ABRIL

No céu de abril, nuvens
desenham naves e abóbadas
de catedrais góticas.

O vento pastoreia
arquiteturas de arcanjos
e demônios que se movem.

Ainda é tempo de amar
neste universo de
reminiscências proibidas.

Entre leopardos cor de cinza
nuvens, homens, objetos
decepadados pela asa da morte.

TEORIA DO POEMA

As palavras são as vértebras do poema
o coração do poema irriga as artérias do amor
o poema é uma casa onde todas as portas estão abertas
em noites de lua os lobos uivam no poema
o tigre entra no poema pelas frestas da memória
folhas mortas despençam dos poemas e das árvores
dos galos e dos poemas escorre o sangue das madrugadas
os pássaros emigram para os estios do poema
os poemas, como os rios, deságuam no tempo ou na memória.

ALEGORIA DA CAVERNA

Somos o prisioneiro da caverna
que acredita serem reais as fantasmagorias
que os seus olhos contemplam,
deslumbrados, à luz vacilante do fogo.

As sombras que dançam diante de nós
parecem realidades tangíveis
mas não passam de simples utopias
criadas pelo devaneio das nossas retinas.

A realidade é mais sutil do que os nossos
sentidos imaginam. Não é uma fantasia
da alma nem uma invenção do corpo.
Há que buscá-la fora da caverna.

CACHORRO NO CIO

O dia é um cachorro no cio.
Sente de longe o cheiro da cadela
espanta as moscas com sua cauda de mercúrio
e só pensa na ração de prata do orgasmo.
Sacode o pêlo deixado pelas escamas da noite
se estira nas almofadas do sofá, fareja
o mênstruo das flores e o sangramento das orquídeas.
Vai sorrateiramente ao quarto das moças
fustiga o sexo dos espelhos com seus dedos de cristal
penetra nas frinchas dos lençóis e do sono
bebe a água dos jarros e acaricia os pensamentos
das noivas. Como todo cachorro que
se preza, lambe a cauda, sacode as orelhas
e parte na carruagem da noite que se aproxima.

METAMORFOSE

O dia apaga as rugas que a noite
desenha em meu rosto
e me purifica como um jorro de água
límpida. O dia me transforma
noutro homem, meu corpo
já não se dilacera de encontro aos estilhaços
da realidade. O dia apaga as sombras
que restaram da noite, me torna mais leve
e resistente às seduções dos mitos
cotidianos e ao gélido sorriso da morte.

VESTÍGIOS DA ROSA

Onde houve uma rosa
o hálito de sua nudez permanece
em cada vértebra do ar
no vento, no zumbido e no movimento
das abelhas, na pele e na plumagem
das idéias, no dorso dos arroios
e na memória dos espelhos.
Onde houve uma rosa
seremos para sempre contemplados
pela pálpebra erisangüentada de uma pétala.

IDEOGRAMAS

A princípio um filete de prata desenhou
na vidraça da janela ideogramas
do alfabeto chinês. Setembro
raiado de sangue pulsava no céu de estio.
Nuvens ácidas rememoram
a diáspora das procelárias. Quando choveu
de rijo, os sinos já repicavam pelas
pombas e andorinhas mortas.
Vespas se vestem de negro, sem que se saiba
por quem soluçam as noivas de Málaga.
A princípio o filete de prata
não passava de uma alegoria esculpida
por duendes na ausência da vidraça.

VARIAÇÕES SOBRE A PEDRA

A pedra é uma pedra
o tempo todo
uma pedra da época
da pedra lascada.

A pedra vê o pássaro
beliscando o seu dorso
a pedra se contempla
a si mesma, sem remorso.

A pedra se deita
numa tumba de pedra
espera a eternidade
sob uma chuva de pedra.

A pedra nasceu dum ovo
da idade da pedra
agora é uma esfinge
de seios de pedra.

De tanto ser pedra
a barlavento da pedra
a pedra acabará voltando
às origens da pedra.

A TARDE CHEGA COM OS PÁSSAROS

A tarde chega com os pássaros
e as folhas arrebatadas pelo vento.
Tua lembrança me visita no sussurro
de uma harpa ou na cadência dos tambores
de Ravel. Teu corpo e teus vestidos recendem
a perfumes silvestres e aromas de conchas
do mar. Da janela te vejo caminhar pelas
veredas da minha nostalgia. Penso
que vens ao meu encontro, mas a tua
sombra recua e se mistura ao fulgor
das borboletas que se despetalam aos últimos
raios de um verão que já não me aquece.

AO CAIR DA TARDE...

a morte começa a tecer sua teia
de Penélope. Os sinos desferem gorjeios
mais agudos do que os punhais.
O azul dos teus vestidos incendeia as minhas
retinas. Ninguém regressa do exílio
que não encontre a porta fechada. Meus olhos
te procuram na orla de um pensamento
musical. Os remos de Ulisses velejam nas lágrimas
de Tróia. E os teus seios reverdecem
como os brotos da primavera.

CACIMBA DE PEDRA

Fui seduzido pelos olhos de uma cacimba
de pedra que cintilavam entre as
impurezas do lodo. Talvez
fossem os olhos de um sapo ou de uma
rã dos tempos do dilúvio.

Meus olhos foram seduzidos pelas
retinas da água no fundo de um poço sem memória.
Ali, uma esfinge de mamilos de pedra
enfeitiçava os homens em noites de lua nova.
Ali adormeceram meus pais e meus
avós, antes que a ceifadora recolhesse as espigas
e o que restou do sonho dos afogados.

Meus olhos mergulharam no abismo
da cacimba de pedra, como se fossem de volta
à concha de limo do útero materno.

EXÍLIO

às rosas do idílio
prefiro
os espinhos
do exílio.

MILONGA DA SERPENTE

A serpente era uma cobra
aparentemente inócua
não fosse o odor de morfina
que lhe saía da boca

cujos caninos de prata
cortam mais do que uma adaga;
era a plumagem do cio
de um nó que não se desata.

Um nó que às vezes se agita
entre as dobras do disfarce
como se os olhos da cobra
algum demônio os fitasse.

Era uma curva perfeita
semelhante à da parábola;
um círculo ou uma elipse
que começa onde se acaba.

A serpente era a metáfora
de si mesma: reluzia
com tal fulgor que o helianto
perto dela escurecia.

Era uma cobra gerada
desde os primórdios da neve
quando o amor já consumia
memória e seios de Eva.

A serpente era uma letra
gótica impressa no linho;
satanás com sua lépida
túnica de libertino.

SÚPLICA BARROCA

Anjos de linhagem barroca
das igrejas de Minas.
Rezai para que não se percam
as almas das concubinas.

Rezai pelas éguas castanhas
e as de douradas crinas.
que pastam memórias e lendas
nas ladeiras de Minas.

Anjos do Aleijadinho, sombras
de azuladas retinas.
Rezai para que o amor transborde
das taças das meninas.

Rezai para que os cegos vejam
e os olhos das turmalinas
que o sangue dos Inconfidentes
jorra das veias de Minas.

Rezai para que a amada escute
o clamor destas rimas.
Anjos de linhagem barroca
das igrejas de Minas.

À SOMBRA DE HÖLDERLIN

Não me ouvireis, ó Parcas,
clamar aos céus contra as investidas
do tempo e do sarcasmo
daqueles que esperam demais
da avareza dos deuses.

Sabeis que as altas esferas ignoram
os mortais, seus tesouros
suas tumbas de mármore e a vasta
hierarquia dos vermes que
passeiam na caligrafia de seus epitáfios.

Não me ouvireis, ó Parcas, uma
só palavra de desdém ante o vertiginoso
pulsar das rotações do universo
onde a matéria se transforma em romarias
de estátuas decapitadas.

Antes que vosso hálito de medusa
expulse a juventude das minhas artérias,
deixai-me sentir ainda os aromas das entranhas
da vida e do amor, que os meus sonhos
não passam de reminiscências
das cinzas do adeus.

HORA DE NÃO DIZER ADEUS

Hora de não comer dobradas à moda do Porto
de cancelar os compromissos inadiáveis
de não fazer projetos mirabolantes
de não ser aquele, entre os comensais
que foi surpreendido pelo demônio do vômito.

Hora de não ir nem de voltar
de não colecionar reminiscências nem
borboletas mortas, de não confiar
segredos às aranhas, que desenham alegorias
na memória e na epiderme dos retratos.

Hora de não dizer adeus ao vento que passa
pela tua sombra, de não beber veneno
por causa das namoradas
de não seguir os passos do anjo torto.
Hora, sobretudo, de não comer
dobradas à moda do Porto.

SOM DE CLARINETE

Chega de longe o som de um clarinete,
se alastra em meus ouvidos e na sala.
Som de faca amolada que magoa
e corta fundo a carne arrependida.

Som de maré que explode a rocha bruta
e vai sangrar no seio da caverna.
À exausta claridade das abóbadas,
chega de longe o som de um clarinete.

A tarde ostenta o seu colar de sangue.
Um pássaro, pousado na cornija,
segue o enterro do sol com sua flauta.

Findo o momento exato do prodígio,
quando a alma em si mesma se agasalha,
chega de longe o som de um clarinete.

QUASE ODE AO REI DAVI

Oh! esse grande rei, cuja túnica exalava os aromas da sedução feminina! O seu grande olho de monarca percorria todos os montes e colinas dos corpos de suas duzentas concubinas.

Nada lhe escapava, nem mesmo as curvas e ondulações mais íntimas das belezas escondidas de Betsabéia, mulher de Urias Heteu, servo e soldado do rei.

Ele a viu nua quando ela se banhava numa das fontes que jorravam dos pensamentos reais.

O grande olho do rei, do tamanho do seu umbigo desejou-a com todos os cios do seu coração.

Ordenou a seus vassalos que sem demora lhe trouxessem a mais cobiçada das filhas do seu reino, nem que para isso fosse preciso decretar a morte de Urias Heteu.

E assim se fez.

E foi assim que o rei a possuiu por longos dias e pelo tempo afora e jamais pareceu saciado

das entranhas da mulher de Urias.

Chegou a perder a noção dos orgasmos reais.

TORSO DA SOMBRA

Rodin. O mistério esculpindo adágios e revelações
no Torso da Sombra.

Braços mutilados acenam para a utopia de
um paraíso perdido nas esferas.

O Torso se contorce.

Ânsia de ultrapassar a rigidez da forma
aprisionada em si mesma.

Rodin. A matéria rebelada.

Volúpias escorrendo dos cios do mármore.

Rodin. Pulsam reminiscências de eternidade
em todas as artérias do bronze.

SOLTOS NAS ESFERAS

Estamos soltos nas esferas
sujeitos às leis da física
e às trapalhadas da metafísica.

Oscilamos nas órbitas de fogo
de planetas que incendeiam o cosmo
com suas caudas de prata, seus anéis de mercúrio.

Somos iguais a uma romaria de formigas
que vagueiam em labirintos de raízes
guiadas pela bússola da terra.

DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Eu não gostaria de ser
aquele que anuncia em praça pública
os éditos e os funerais do rei.

Não gostaria de ser o carrasco
que decepou a cabeça de Ana Bolena
aos olhos marejados do Tâmis.

Não gostaria de ser o marujo
que do alto do mastro da gávea
contempla a diáspora das espumas.

Não gostaria de ser o tangedor
de caravanas que adivinha o som da
água nas pupilas dos camelos.

Não gostaria de ser empalhador
de borboletas e de pássaros.
Gostaria de ser domador de relâmpagos.

DEVO UM GALO

(Sócrates, pouco antes de morrer)

Devo um galo a Asclépio
(não por maldade ou cinismo).
Comi esse arauto da aurora
num belo dia em que os deuses,
longe de mim e da ágora,
rolavam pedras no abismo.

Asclépio vendeu-me o galo
de plumagem mais bonita
e o galo foi degolado
por minha esposa Xantipa.
O galo já não canta mais,
tampouco as asas agita.

A morte já se aproxima
com suas passadas longas.
Meus olhos já não distinguem
os contornos da matéria,
se as imagens do universo
são quadradas ou redondas.

Devo um galo. E esse fato
renega a essência de algumas
das minhas vagas idéias.
Dou-vos o meu testemunho,
agora, que a luz me escapa
rapidamente das veias.

CANTIGA MEDIEVAL

Cai-me a pena da mão
com tal leveza
que o verso escorre do peito;
e, em correnteza,
as mágoas do coração.

Contemplo da janela
as folhas da estação
douradas pelo estio.
E, enquanto penso nela,
cai-me a pena da mão.

Vejo passar o rio,
os barcos que vêm e vão.
Mas, se estou longe dela,
perco a memória e o cio,
cai-me a pena da mão.

Longe dos olhos da amada,
se me busco me perco,
não me acode a razão.
Se a contemplo de perto,
cai-me a pena da mão.

ERA DOMINGO

Pelas ruas desertas caminhava
entre augúrios e fezes de cachorros.
Era domingo, e os bêbados sonhavam
com mulheres amadas por cavalos.

O murmúrio dos bares e das ondas,
cio de espuma, concha e maresia.
O apito de um navio assusta os anjos
e as formas soterradas da matéria.

A noite apaga os rastros dos camelos.
No céu de Homero arquejam caravanas
carregadas de aromas e utopias.

Caminhava sem saber para onde.
Era domingo, e o sangue ainda jorrava
do soluço das barcas ancoradas.

ODE AOS UIVOS DO AMOR

O tempo nos escapa pelos dedos
pelos olhos, pela janela e pela memória.
Uma tarântula faz o seu ninho em nosso peito.

O tempo é uma vertigem da alma
em seu trapézio de areia. Aquele rio que
nos brinda com sua taça repleta do cio das espumas.

O tempo e suas velocidades inertes
suas verrugas na ponta do nariz
seus fragmentos de naufrágio e eternidade.

O tempo da morte iminente
(morte barroca costurando sua negra opa)
o tempo de mamar ao seio da esfinge.

O tempo do vinho amadurecido
no útero de veludo das garrafas negras.
Tempo de escrever uma ode aos uivos do amor.

MEMÓRIA RUPESTRE

A memória lembra-se do esquecimeneto
(Santo Agostino, Confissões)

Onde estiveres, no portal da aurora
nas esquinas da infância ou das pirâmides
ou cavalgando o pégaso das ondas
ou seduzindo o fauno das espumas.
Nas árvores desnudas da montanha
castigadas pelo vento. Na chuva
repentina que ressuscita os ninhos
das andorinhas mortas. No silêncio
das manhãs, quando o aroma das espigas
acorda os passarinhos, os secretos
emblemas da matéria. Eu te amarei
nas ruas que se bifurcam no poema
no som mais débil, no mais débil sopro
e em todos os sentidos do meu corpo.

II

Só o amor vale a pena. Reacende
a chama dos instintos, que se apaga.
Só o amor abre as portas e as comportas
dos sentidos que deságuam no pecado.
Só o amor vê de longe e vê de perto
adivinha os desejos escondidos
nas entranhas. Só o amor se assemelha
a uma adaga que fere docemente.
Ao punhal que trespassa mas não mata
ao olho apedrejado que não cega
ao vinho que gorjeia numa taça
de cristal. Só o amor lembra um centauro
que desce das colinas de Efraim
para pastar canções em nosso peito.

III

Era uma tarde igual a outras tardes
vistas por mim do esquadro da janela.
Sombras tristes e alegres perambulam
na ribalta de um circo sem platéia.
Uma tarde de nuvens andorinhas
de vento azul e folhas amarelas
de sinos repicando as aleluias
de vozes sussurrando misereres.
Era uma tarde gótica. Vestígios
de reminiscências barrocas pelas
naves. Mártires e Cristos de pedra-
sabão sangram nas franjas dos altares.
Era uma tarde de augúrios. Palavras
e pombas arrulham nos candelabros.

IV

Uma ilusão que avança e que recua
e ao peito acorrentada, ainda se move.
Tem o fulgor dos tigres de Bengala
é mais veloz que as flechas do argonauta.
Uma ilusão que tece à nossa volta
seus linhos de volúpia e seus enredos.
Chega do espaço em súbita revoada
semelhante às matilhas do prodígio.
Uma ilusão que parte e que regressa
e instaura a plenitude no vazio.
É tão sutil que atravessa as paredes
os reflexos e insídias dos espelhos
e os camafeus das bailarinas mortas.
— Isso é o amor, rosa de escárnio e sangue.

V

Eu te amo agora e te amarei depois
que o vento negro me roçar a face
levada por centauros de fumaça
para um campo de espigas e de arroz.
Eu te amo e te amarei noutro lugar
que não seja de fogo nem de espuma
ou seja o pólen que fecunda o mar
ou seja o mar raiado de cardumes.
Eu te amo nesta hora e neste instante
e te amarei quando estiver exausto
do tempo. E te esperarei nas esquinas
do meu sudário de pastor errante.
Nas esferas serei o teu arauto
e te ungirei com o sangue das vindimas.

VI

Todas as coisas são iguais e azuis
cúmplices do mistério e da paisagem.
Todas as coisas sangram no poema
nos espaços e artérias da metáfora.
Todas as coisas brotam dos atritos
do átomo e proliferam no vazio.
São pássaros (as coisas) e alçam vôo
do tempo breve à longa eternidade.
Todas as coisas descendem dos astros
e nos seduzem com seus olhos míopes
de ciclope. São límpidas as coisas
em seus corpos de chama que se entrega.
Todas as coisas ficam para sempre
na memória dos mortos acordadas.

VII

À luz dos arquétipos da nudez
é assim que te navego e te imagino.
Vejo-te em sonho e reconheço o limo
dos teus quadris de jarro português.
Redescobres o enigma dos espelhos
e a memória das cinzas de Cartago.
Aonde vais, um barco te navega
com marujos fenícios no convés.
Ar tardes vêm do mar para te ver
não voltam mais. O senhor dos cardumes
passa por ti e acende os seus fanais.
O amor é uma utopia das espumas.
O que germina e já começa a arder
a mais certa das coisas desiguais

VIII

Chega o amor, e é como se chegasse
um raio de sol com a sua cauda
de serpente hermafrodita. Esse amor
que exala a canibal e nos ruma
com a língua espiralada de anaconda.
Chega o amor de qualquer parte do corpo
e de seus recintos indevassados.
Chega o amor, já se deita sobre o gume
de si mesmo e já começa a tecer
a trama irrevogável dos sentidos.
Chega o amor das entranhas dos navios
e o cio das marés nos incendeia.
Chega o amor com plumagem de milorde
para ser seduzido pela morte.

IX

O vento se desprende da corola
rumina a luz as vértebras da chuva.
Vêm da cozinha de azulejos verdes
odores corrosivos de cebola.
Os mortos já fumegam nas terrinas
já flutuam em molhos aromáticos.
Adeus, ó relvas desses campos bíblicos
arroyos que flamejam nas colinas.
À mesa chegam postas de vitelas
refogados de trutas e novilhas
papos rotundos de perus obscenos.
Ao rumor dos cristais, a luz das velas
dança sobre essas podres maravilhas
reliquias de pecados e venenos.

X

Um soneto sem rima e chave de ouro
sem preceito, conceito ou preconceito
sem lago azul, sem peixes metafísicos
nem cisnes brancos de alvacentas plumas.
Um soneto sem metro e dialética
sem pompa no compasso e na retórica
sem os dilemas, sem os histerismos
de um tempo embalsamado na memória.
Um soneto irrigado pelo sangue
da vida, pela música das coxas
das moças, de seus corpos bailarinos.
Um soneto vaiado pela plebe
(tercetos e costelas fraturadas)
exposto ao sol, completamente nu.

ODE TRIUNFAL

Estavas, linda Inês, posta em sossego
à sombra dos arbustos da colina
cuidando dos rebanhos do argonauta.

Ouvi o som da gaita de um galego
que recitava Homero numa esquina
onde outro cego já tocava flauta.

Fui sedutor quando cismeï de ver-te
meus sentidos arderam por amar-te
meu coração pus aos teus pés de infanta.

Buquê de espumas para um deus solerte.
Até mesmo na hora em que se parte
o cristal de uma taça ainda canta.

CATEDRAL

Arquitetura de vento e andorinhas
zumbido de asas e ladainhas
de mármore. O incenso sobe dos turíbulos
como serpentes expulsas dos altares.
A música ergue o seu caule
de chamas até roçar na quietude das naves.
O que ressoa nas frinchas das
pedras não é o rumor das hóstias que
sangram, nem os apelos das vozes extraviadas
nem o balido das ondas do mar
nem o soluço dos anjos foragidos, nem
os morcegos devorando as rosas
dos vitrais. O que ressoa nessas pedras
coroadas de espinhos são os passos do homem
à procura da memória de Deus.

DÚVIDA

A dúvida é uma carícia de Deus.
Só a dúvida nos ensina
que a verdade se mistura aos aromas
dos dias e das noites.
Duvidar é acender uma luz na claridade
procurar a chave da porta num
covil de serpentes.
A dúvida não entra no quarto escuro
sem pedir licença ao dono
da lâmpada. A dúvida é uma túnica de seda
que se entrega à carícia da chama.

NUVEM E SOMBRA

A sombra da nuvem é igual à copa
de uma árvore: pêssegos
e arrulhos. Uma a uma, as aves
e as folhas em revoada.
Vão e voltam, fragmentos de cristal
que se partem de encontro
aos picos amolados de abismo.

MODUS VIVENDI

Viver é estar morrendo a cada
minuto que nos trespassa com os seus
punhais de átomo.
Escrever mil vezes o epitáfio em lápides
de água. Ver as orquídeas do amor
apodrecerem num pântano de gametas
cor-de-rosa. Ir ao banquete com
a túnica manchada de sangue e a memória
sufocada pelos punhos do remorso.

FOLHA

Folha solitária suspensa do caule.
O vento que de leve a agita
o sol, a chuva, os frêmitos das asas
dos insetos, o orvalho das noites
a imobilidade do azul
o sarcasmo dos pardais e dos estios:
nada faz supor a reminiscência
do caos, a secreta energia que a mantém
acorrentada à memória do caule.

O SOL CAI DE RIJO

O sol cai de rijo sobre os homens e os bichos
sem que os deuses se importem com isso.
Chega a hora da cópula mas o corpo
se fecha, uma concha de molusco.
A morte repousa na simetria de uma lágrima.
O sexo é uma fruta cítrica, borboleta
de celulóide. O sol cai de rijo na ossatura
de tua sombra. O tempo, uma anaconda
que te devora. O sol cai de rijo na reminiscência
da pedra. A vida é um cachorro doido:
dilacera com os dentes os pulsos da treva.

SONETO CÓSMICO

Cachos de chuva tombam dos telhados
formando lagos negros como a noite.
Sapos e rãs dos tempos do dilúvio
chegam de madrugadas paleozóicas.

O mistério se instaura em nossa carne,
como a hera se enrosca nas paredes.
Dos altos cimos o frescor de um cântico
jorra sobre a matéria soterrada.

O abismo se escancara aos nossos olhos.
Uma esfinge, vestida de ciclope,
oferta à chuva a face bifurcada.

Nas retinas dos lagos acordados,
rãs voltam a cantar. Como acontece
nos primórdios dos seres e das coisas.

TERCEIRA PARTE

DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

Mulher foi atacada por uma abelha quando se encontrava num campo de golfe. Procurou imediatamente um médico e este lhe perguntou em que lugar ela havia sido picada pela abelha. A mulher respondeu sem pestanejar: "Entre dois buracos".

(Anedota extraída de filme norte-americano)

PLACENTA

A palavra é um enigma
uma esfinge de rosto voltado para dentro
de si mesma.
Uma dança de serpente sagrada
o eu às avessas
a faca amolada na superfície da lápide
o sangue gotejando no umbral.

A palavra é o cenho retorcido do assombro
o que vai e não volta
o que se procura e o que se extravia
a ausência que dilacera
o que permanece no olfato e na memória
o que atravessa a garganta como se fosse um punhal
o que no peito é ferida aberta
e sangra até a morte.

A palavra é a placenta.
Jorro de sangue que irriga a argila da alma
semente que germina no húmus
do tempo e da eternidade.

VATICÍNIO

Estava escrito nos livros e nos astros
nos pergaminhos e nas cavernas
no pico da rocha milenar
nas doze constelações do zodíaco
na orla dos rios e nas esquinas das pirâmides
nas areias do deserto da Líbia
no corpo e na alma ensolarada dos camelos
nas conchas do Mar Morto
nas estrelas do céu e nas espumas do mar
que o segundo filho de Eva
seria assassinado pelo punhal de Caim.

MECHAS E ESPIGAS

Espigas de milho ou de centeio
com reverberações modernas ou antigas.
Lembraís as louras mechas aneladas
nas frentes das raparigas.
Espigas acariciadas pelo vento e a
sensualidade das cantigas
dos pássaros. Sereis para todo o sempre
as namoradas dos pardais, essas migalhas
douradas dos banquetes das formigas.

TRÊS EPITÁFIOS

Sob este mármore negro
polido pelo vento e a chuva
repousam as cinzas do filho de Domício
e de Agripina.

Aquele que declamava versos
quando Roma inteira ardia,
saberá que a eternidade não termina?

II

Sob esta lápide apodrecem
reminiscências do corpo mutilado
da rainha Ana Bolena.
A lua de Londres costuma
visitá-la naquelas horas da noite
em que o Tâmis deságua na eternidade.

III

Os faraós não precisam
de epitáfios
nem de vanglórias esculpidas
no frio e duro bronze.
Basta-lhes a eternidade das pirâmides.

DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

A água canta nas fendas da pedra
a pedra se enrosca na música da água
a água acaricia os seios da pedra
os seios da pedra amamentam
homens, bichos, cobras e lagartos.

A água jorra do sexo da pedra
a pedra recusa as carícias da água
a água é o que se evapora da placenta
da terra. A pedra é a memória dum
bólide que se partiu de encontro às esferas.

A água celebra o noivado do sol
no dorso arcaico da pedra, mas a pedra
galopa em sentido contrário
ao dos ponteiros do relógio da água
que mede as vibrações do homem e da pedra.

A água canta nas esquinas da pedra
a pedra devaneia com sua harpa de húmus
a água desce às profundezas da pedra
onde a aurora irrompe da casca
do ovo com o fulgor de uma águia recém-nascida.

RÉQUIEM PARA UM BÓIA-FRIA

Teu corpo desidratado
mordido pela cobra
pelo dragão da fome
e pela tuberculose.
A bem da verdade
não precisa de cova.

Corpo deserto de sonhos
já começa a evaporar
antes mesmo do velório.
Corpo tão breve, tão pouco
flutua na eternidade.
Não precisa de cova.

Nem de caixão precisa
nem de mortalha, nem mesmo
de uma rede de corda.
Um corpo assim tão magro
se dissolve no vento.
Não precisa de cova.

Corpo com tal leveza
no conteúdo e na forma
corpo com tal urgência
de coisa que se evapora.
A bem da verdade
não precisa de cova.

BANQUETE

na mesa repleta
de vinhos
e seios implumes
meus sentidos
despertam
para a sensualidade
dos legumes.

DÉSPOTAS

déspotas
de todos os matizes
de todas
as raças e países
escrevem
com baionetas
epopéias de cicatrizes.

SÓ O AMOR VALE A PENA

cala a tua avena
remove a gangrena
do poema
despe a máscara
e sai de cena
bolina os seios da morena
só amor vale a pena.

RASCUNHOS PARA UMA LÁPIDE

Saio da vida e da história
para fugir do tempo
numa alimária cúbica.
Vivi na corda bamba
entre os bordéis da mentira
e o mutismo da súplica.
Nasci antes do tempo.
Morri de morte súbita.

II

Parte de mim, o tempo
foi enterrado aqui, entre árvores.
Raízes me flagelam a carne
para as fogueiras da ressurreição.

III

Os dias e os rios passaram
debaixo da ponte.
Os homens e seus sonhos
foram decepados
pelo alfanje da morte.

IV

A terra
é o derradeiro
exílio
do homem.

NUVENS, GANSOS E CAVALOS

Gansos velejam pelo céu de outubro
em lenta cavalgada. O horizonte
é uma estrada juncada de papoulas
onde galopam nuvens e cavalos.

Vão em busca dos pêssegos do sol
em paragens de conchas e arquipélagos.
Os dourados momentos de volúpia
os deixam com plumagem de argonautas.

As nuvens passam. E singram distâncias
mais rubras do que as chamas da vertigem.
Vejo-as e sinto a dor do quanto é breve

o entardecer do sonho e da utopia.
Ao galopar de nuvens e cavalos,
vão-se as plumas de gansos e de outubros.

SENDAS DA ALMA

À ilustre amiga Dra. Mônica Barroso

A alma nos cavalga em sonho
mas não deixa sinais.
Uma asa que nos roça de súbito
e assusta os cristais.

A casa e os objetos dormem.
Enquanto o amor refaz
suas tramas dilaceradas, a alma
regressa aos umbrais.

As flores do antúrio apodrecem
aos olhos dos vitrais.
A alma, arrebatada pelo vento,
não volta jamais.

PROFETAS DA AURORA

Profetas da aurora
os galos morrem cedo
mas ressuscitam logo depois.

O galo e seu canto acordam
os vales e os rebanhos
que pastam as espigas do sol.

É um profeta que anuncia
as manhãs para que todos saibam
que a vida continua.

ANATOMIA DO GATO

À luz do recato
é o novelo de fios de lã de ovelha
com que Penélope teceu a túnica de Ulisses.
Seu fino olfato capta fragmentos
de aromas dos astros e orquídeas da insônia.
Parece uma brisa que veio dos campos de centeio.

O gato e sua pompa de arauto
cabem num sapato.
Os seus olhos de mercúrio enxergam
alfinetes no anonimato
e a namorada que passeia no muro do sobressalto.
O gato tem sete vidas
sete maneiras de ser arguto.
Quando morre de velho, só lhe basta um minuto.

VERGONHA

Cientistas acabam
de anunciar
que o planeta Marte
à medida que se aproxima
da terra, vai ficando cada vez mais
vermelho.
De vergonha. Obviamente.

NAU DA TARDE

A nau da tarde
 ancora no mar
e suas velas de espuma
 roçam nas palhas vertebradas
 dos coqueiros.

A nau da tarde
 carregada pelo vento
recende a escamas de peixe
 e ao cio das marés, que tecem
 rendas na areia.

A nau da tarde regressa
 às praias do Mucuripe
desliza sobre as ondas
 que avançam e recuam, se quebram
 e renascem do atrito.

EXPULSO DO TEMPO

O tempo me expulsa do seu centro
como se eu fosse um cão à deriva das moscas.
Dilacera as retinas do poema, fratura
exposta ao relento e à chuva e aos caninos
do sarcasmo. Me transforma
em fragmentos de memória e lascas de palavras
limo que restou da cavalgada dos rios.
O tempo me expulsa do solar dos mendigos
me recusa um lugar na ceia do êxtase.
Meu coração está no cio, tempo de amar
e recolher os frutos das coisas.
Os espelhos me acertam gargalhadas de cristal.
Vou rapidamente ao banheiro público
mas encontro a porta fechada com a chave
de ouro de um soneto parnasiano.

POEMA FELINO

Tigre é o poema que se esconde
na selva das palavras. Como qualquer fera
o poema dardeja quando está no cio.
Exala odores de orquídea selvagem, rugem
à beira dos rios e dos pântanos
e esfrega o traseiro nas estacas da semiótica.
Tigre é o poema que se esgueira entre
as fendas dos vocábulos. Se balança a cauda
ou mostra a ponta áfiada da língua
o poema te dilacera com a sensualidade
de uma hiena faminta.

CEMITÉRIO AZUL

Penso, logo me convenço de que pensar
nem sempre é a melhor saída
mas apenas um jogo de alto risco.
Pensar é tecer hipóteses ao redor do eixo
de areia da metafísica. Pensar
a chuva e o vento, pensar o amor e tudo
o mais que nos espreita nas esquinas
do universo. Pensar a morte
síntese de todas as ausências, é o mesmo
que semear idéias no vazio. Não
pensar em nada já é pensar que as coisas
e as idéias não passam de sombras
extraviadas num cemitério azul.

DISCURSO FÚNEBRE

Estamos agarrados aos frágeis arames da vida
enquanto arautos emplumados nos
contemplam de longe, do alto das colinas
do seu desdém. Somos atropelados
pelas carruagens do sonho e pelas rodas do mito.
Ainda não aprendemos a soletrar
as palavras do alfabeto escritas com sangue.
Somos reduzidos a lixo atômico
não passamos de objetos descartáveis.
Das janelas dos arranha-céus
histriões nos ameaçam com suas metáforas
de gumes afiados. Se não lhes
mandamos flores, seremos expulsos
como alguém decepado pela foice do vômito.

FLAUTAS DE CAPIM

O vento começa a balir
pelas estradas.
De longe se ouve o cântico
das flautas de capim.
Um pastor conduz as ovelhas
para as colinas da lua.
A lua pastoreia
as reminiscências do pastor.

QUIXOTE E O CICLOPE

Ao caro amigo Prof. Guilherme Antônio Alves Alencar

Lutar com palavras
é a luta mais besta.
É como voltar
bêbado da festa.

É lutar em vão
contra algum ciclope
que de lança em punho
golpeia o Quixote.

Lutar com palavras
é uma luta inglória
do poeta e do mito
do mito e da história.

Melhor ser apenas
um pastor de cabras
do que a vida inteira
lutar com palavras.

Lutar com palavra
é a luta mais triste.
O vento insinua
que ela não existe.

IDADE DA CHUVA

A chuva é mais velha do que meus bisavós
tem cabelos brancos e pestanas
grisalhas, rugas e verrugas no nariz
como qualquer descendente dos mortos.
A chuva é mais antiga do que
a mais antiga nódoa de sangue impressa
na memória das cavernas.
É o albatroz que veio da tempestade
e afundou no mar.
Mais velha do que todas as idades do dilúvio.

PANORAMA VISTO DA RUA

A rua está cheia de zumbidos e gestos
obscenos. A vida continua jorrando
das vertentes de Deus. Uma correnteza
de vozes que dilaceram a música
das esferas e do cosmo.
Tudo vai crescendo de encontro à esperança
do homem. O que nos resta é apenas
a migalha dos sonhos desfeitos
cinza das nossas nostalgias dilaceradas.
Nada nos espera quando os dias se evaporam
além da noite e dos pássaros.
A pedra cancerosa dardeja aos raios
da estrela até que se dissolve em maresia.

O VENTO NÃO SABE QUE EXISTO

Tenho passado pela vida
sem ser notado pelo vento.
Os dias são brancas ovelhas
que pastam as relvas do tempo.

Tudo o que pulsa nas esferas
vinho para a orgia dos deuses.
Quando me finjo de Narciso
sou vaiado pelos espelhos.

Astros e ostras nascem do atrito.
Ó deus senil dos espantalhos
o vento não sabe que existo.

Nada me inclui, nada acrescento.
Vou deslizando para o exílio
sem ser notado pelo vento.

DIA/GONAL

O dia e suas vértebras a galope
e a cavalgada das salamandras no pântano
até chegar às dinastias da noite
onde acontece a rebelião
dos anjos bailarinos.

O dia esvaído em sangue
igual a um boi que teve a carótida
decepada por um punhal.
O dia em dia/gonal, alimária peluda
que sacode a cauda para espantar as moscas.

O dia que se deita em moitas de capim
para lambar as úlceras.
Hipopótamo pastando a folhagem das nuvens
bebendo a água da chuva e dos rios
ruminando o tempo e a memória
do universo.

ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Acordar, remover da memória das retinas
vestígios de pesadelos e utopias.
Cumprir à risca os rituais do banheiro
depois fazer a barba com lâminas de espuma
podar as relvas do nariz
ruminar as manchetes dos jornais
tomar café com leite
ligar, des-ligar a televisão
cobrir o saldo negativo da conta bancária
pagar os impostos com juros
e correção arbitrária
engolir a droga para a hipertensão
a panacéia da próstata
medir as flutuações da curva glicêmica
ir ao dentista, cuidar dos ácidos
da boca e de seus metais.
Voltar a dormir, de novo acordar
fazer a barba outra vez, morrer subitamente
de infarto do miocárdio.
Assim caminha a humanidade pro beleléu.

VALE DE JOSAFÁ

O tempo passa depressa
o tempo não voltará
para os mortos foragidos
do Vale de Josafá.

Sete espadas de aço negro
nenhuma se quebrará.
Lírios de sol desabrocham
no Vale de Josafá.

Aquele que estiver morto
nunca mais acordará.
Não vê as fontes que jorram
no Vale de Josafá.

As noites tremem de frio
mas o espírito arderá
até que as portas se abram
no Vale de Josafá.

O tempo passa depressa
o tempo não voltará.
A eternidade começa
no Vale de Josafá.

CAVALO ATÔMICO

Parece que o vento ressoa
nas cordas de bronze de uma viola.
O vento chega da África
exalando odor de morfina e ópio.
Atravessa o Pacífico e deságua no Atlântico
incendeia a África e os deltas do Nilo
com seu hálito de cavalo atômico.

O vento vem de Cartago
e derruba as cem portas de Tebas.
Um rinoceronte que pasta a memória dos rios
e os cabelos dos afogados.
Dizem que o vento desce da montanha
para beber a água dos córregos
nas pupilas das conchas.
Talvez para escutar o silêncio dos mortos.

CANÇÃO DO BECO SEM SAÍDA

Se você se desfaz da fazenda
paga imposto de renda
se ganha ou se perde na contenda
paga imposto de renda
se vai à rampa de lixo ou escreve poema
paga imposto de renda
se põe bagaço de cana na moenda
paga imposto de renda
se vai pra cama com uma loura estupenda
paga imposto de renda
se coloca o dente de ouro à venda
paga imposto de renda
se é dono de alguma oferenda
paga imposto de renda
se troca o metal pelo ouro da lenda
paga imposto de renda
se canta a secretária na hora da merenda
paga imposto de renda.

TRÍDUO

Todo sólido
se desmancha no ar
porque todo sólido não
é assim tão sólido
como supõe
a nossa vã filosofia.

2

Se todas as coisas
fossem sólidas
se todos os homens
fossem solidários
não haveria tanta guerra
entre os camelos
e os dromedários.

3

Os olhos dos gatos
são feitos de
gotas de mercúrio.
Quando adoecem, os gatos
não usam colírio
pingam nos olhos
gotas de hidrargírio.

UM POUCO DE TUDO

Do grito na madrugada
(uivo de cachorro doido)
da chuva que vem de longe
com seu vestido de noiva.

Do mendigo que esperava
pelo sol da meia-noite
da romaria dos velhos
da infância e seus afluentes.

Dos aromas dos vestidos
do vinho bebido às pressas
da primeira namorada
da onda erguida em seu dorso.

Da bicicleta quebrada
do cego amolando a foice
dos cabelos do afogado
de volta às praias da noite.

Do cabrito assassinado
aos olhos da praça pública
da pêndula e da calêndula
do zumbido do besouro.

Das velhinhas de faiança
das amadas que não tive
nem vi seus rastros de fogo:
de tudo ficou um pouco.

COISAS DA MODA

A moda agora é quebrar o sigilo
disto e daquilo. Todos
querem saber o que se passa
na tua vida, entre as quatro paredes
do teu quarto, quantas
as nódoas de sangue dos teus lençóis
os gemidos de tua cama
as ovelhas do teu rebanho
os ovos das galinhas, os caninos
dos cavalos. Já não tens
segredos para os olhos do fisco
e os aguazis do monarca.
Eles sabem de cor teus pensamentos
mas íntimos, as tuas dívidas
as tuas dúvidas, juro e juras de amor
teus pecados mais banais
o barco no mar, a casa na praia
o fogo no arquivo, o vento na saia
a conta bancária, o ouro na
cárie. A moda agora é fazer amor
pelo computador.

TÁBUAS PODRES

O tempo refaz a utopia
das coisas perecíveis.
O amor resiste às metamorfoses
do tempo e do corpo
cidadela de fogo
em que ardem todas as formas.

O tempo é a metáfora
do homem esvaído em si mesmo.
Santuário de tábuas podres.
A figura que vagueia no céu parece um dragão
mas pode ser o anjo seduzido em Sodoma
e transformado em memória de sal.

CÉPIA E AZUL

Na tarde de angras e âncoras
todas as velas do amor
singram meu corpo.

Na tarde de aves e avenas
todos os lábios se vestem
para os ritos da súplica.

Na tarde em cépia e azul
todos os meus sentidos
erguem seus vértices.

PARTO DO VERSO

Os versos vão despencando
de minhas mãos peludas
e logo trazem de volta
o séquito das minhas dúvidas.

Parecem negras lagartas
num canteiro de cenoura:
devoram couves e alfaces
e as calcinhas da pastora.

Jorram das fontes do corpo
a qualquer hora do dia
ou da noite. Em cativeiro,
o verso também procria.

Às vezes se lambe todo
ao jeito de um urso panda.
Se tento domesticá-lo,
o verso salta de banda.

Rosa que brota da pedra,
planta de todos os climas.
Quer chova, quer faça sol,
quer sobre a aragem das rímas.

HARMONIA

a harmonia
do universo
é feita de paradoxos

de coisas
desiguais
de silêncios
pontuados
e de assimetrias.

NUVENS

nuvens
encaracoladas
são cabelos
brancos de alguma
avó que tece
fios de seda para
os noivados da eternidade.

TRAVESSIA

Em algum lugar do mundo
aonde não chega o sol nem o vento.
Em algum lugar do mar
no seio de um barco ou de uma concha
ou num solar de espumas.
Em alguma dinastia do espaço
num jardim de orquídeas ou de ausências
ou nos confins das restingas.
Em alguma enseada deserta de navios
chegará meu verso, dilacerado
pela memória de todos os naufrágios.

PALAVRAS MUDAM DE COR

As palavras mudam de cor
quando mudam de lugar.
São os camaleões da semântica.

As palavras mudam de plumagem
como os pássaros quando
pressentem os cios da primavera.

As palavras fazem seus ninhos
e põem seus ovos de fogo
nas feridas abertas do coração.

CISCO NO OLHO

O dia amanhece
com um cisco no olho
o sol pontual
bombardeia as janelas.

Se tu vais à missa
o vigário insiste
com voz de falsete
que o inferno existe.

O cachorro ladra
o gato mia
as coisas acontecem
à nossa revelia.

O dia amanhece
com um cisco no olho
e gosto de metal
na língua e na boca.

No asfalto molhado
de dedo em riste
um pastor vocifera
que o inferno existe.

LIBERDADE

Liberdade é apenas uma palavra que tem
asas e às vezes se mistura
aos pássaros que velejam no azul.
Apenas um sonho de profeta arrebatado
pelos anjos doidos da utopia.
Apenas a metáfora de vidro que se parte
em fragmentos de cristal.
Liberdade é apenas uma flecha de espuma
trespassada na memória dos mortos.

CABEÇA DE ESPANTALHO

A cabeça é a bússola do homem
mas é também a gleba da utopia.
Tudo o que pulsa, tudo o que se move
no centro do universo e rodopia
é sonho que se engendra na cabeça
forma que a todo instante se recria.
O corpo sem cabeça é do espantalho
que namora as espigas. Noite alta
ele conta as estrelas do rebanho
e vê que a nuvem que do céu lhe acena
é o centro da cabeça que lhe falta.
Cabeça decepada pela fúria dos elementos
ó cabeça de fauno sem memória
onde estão teus mais puros pensamentos?

COBRADOR DE IMPOSTOS

O que bate em nossa porta não é o vento
nem a chuva, nem o pássaro extraviado
nem o mendigo expulso da noite
nem o catador de lixo, nem o carteiro
nem o vendedor de gaiolas, nem o domador
de relâmpagos, nem o fazedor de barcos
nem os que estão com frio
nem os gatos com suas pupilas de mercúrio
nem o amolador de punhais
nem o que vende ovos de páscoa
nem o que escreve madrigais pornográficos
nas paredes, nem o que pede migalhas
de pão e utopias, nem o que foi ao enterro
da prostituta, nem o que sarrupiou
as flores do velório, nem o que veio das comarcas
do mar. O que bate em nossa porta
e crava em nosso rosto o seu olhar de abutre
é o cobrador de impostos.

FILE COM BATATAS FRITAS

Em algum momento de sua vida
e de seus pensamentos mais nobres
numa hora de tentação ou de volúpia, num
dia azul ou numa tarde de velas
e gaivotas desfraldadas
ninguém resiste à tentação de ser
consumido por um filé com batatas fritas.

Até mesmo na hora da morte
na hora solene de acender os castiçais
nesse instante de reflexões e certezas provisórias
de traições e silêncios cúmplices
– até nesse momento de vazios definitivos
o burguês ainda sonha que será
seduzido por um filé com batatas fritas.

POESIA & BUROCRACIA

Uma coisa nada tem que ver com a outra.
Drummond foi burocrata
Machado também foi
Camões foi provedor de defuntos e ausentes
Cesário Verde foi ferragista
Fernando Pessoa foi correspondente de casas
comerciais, e por aí vai.

A poesia germina e floresce em qualquer clima.
Enquanto a gente trafega nos labirintos
da burocracia, a poesia se diverte
com os seios das datilógrafas, sumidas
do vasto mundo, ou com as belas pernas das
máquinas de escrever, que estão
completamente fora de moda.

Tudo o mais é borbulhar de falsa glória
como diria o poeta Dante Milano
para quem só o silêncio é musical.

MUNDO PEQUENO

O mundo já não é tão vasto assim
como nos tempos do poeta Drummond.
Agora as distâncias encurtaram:
Trípoli e Cartago ficam bem ali na orla azul
do Mediterrâneo, íntimo dos
fenícios e das quilhas de suas caravelas.
Os povos do outro lado do planeta
dialogam conosco todas as noites e até
nos ensinam como se faz amor virtual pela Internet.
De tua cama podes ouvir a respiração
do Golfo da Carpentária e o rumor
dos passos das caravanas escrevendo epopéias
nas areias do deserto da Líbia.

Mundo mundo vasto mundo
mais vasto não é o meu coração.
Mais vasta é a memória do computador.

NATAL GLOBALIZADO

Ninguém mais fala da estrela do pastor
nem dos três Reis Magos
e de seus camelos carregados de ouro
e de essências odoríferas.

Nas ruas e favelas das grandes metrópoles
nas periferias mal iluminadas
nos viadutos fétidos
velhos e meninos magros nunca ouviram
falar dos Reis Magos e de seus camelos de ouro.

Nas mansões da alta burguesia corre vinho farto
fofocas e champanhotas. As elites
emplumadas se empanturram de beijos e de iguarias
indiferentes ao espírito do Natal.

Nas bandejas fumegantes
indefesos perus aguardam o momento
em que serão desventrados pelos descendentes
de antigos canibais.
Glória a Deus nas alturas
enquanto os homens de boa vontade trapaceiam
no jogo das cartas e da vida.

UTI

Um dreno na boca
dois no nariz
pupilas paradas
confusas idéias
o que resta da vida
são tubos de plástico
sugando-lhe as veias.

II

A morte chega
de improviso
vestida de branco
enfeitada de agulhas
e lhe entrega
a ração de morfina
numa ampola de vidro.

CANÇÃO DA ESTRADA

Lufadas de folhas mortas
rodopiam na estrada
onde sombras vão passando
vão passando.

Oráculos da estrada
nuvens de ouro e sangue
quando os mortos vão passando
vão passando.

Aves buscam refúgio
nas árvores da estrada
onde infâncias vão bailando
vão bailando.

Dançarinas do azul
fitai os olhos aflitos
dos pobres que vão passando
vão passando.

Noite, agasalha os mortos
que passam pela estrada.
Os sinos estão dobrando
estão dobrando.

ROMA

Roma toda
mama nos peitos
dourados da loba.

Roma sob
o olhar compassivo
da Madona.

Roma
cidade eterna
não desmorona.

PASSARINHO

No telhado da casa
do vizinho
indiferente às minhas
utopias de
adivinho
um passarinho
constrói
pacientemente
as vigas do seu ninho
como se
tecesse uma túnica de linho.

CANÇÃO DA PEDRA DE ITABIRA

Para Ana Maria e Edmílson

Tem uma pedra
no meio do caminho
que se bifurca.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra
nas minhas retinas
e às vezes me ofusca.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra
de cal do tamanho
da folha da murta.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra
nos sapatos de vidro
da bailarina turca.
– Uma pedra na Gávea
– uma pedra na Urca.

HORA NEGRA

O déspota e seu chicote
de capataz passeiam a cavalo
porque a hora é negra.

Os lacaios do rei nos
ofertam ramalhetes de mentiras
porque a hora é negra.

O vento sopra da Ásia
recende a fome e cadáveres
porque a hora é negra.

Leopardos rondam os palácios
tigres raiados de sangue
porque a hora é negra.

Os gritos dos excluídos
esbarram de encontro às paredes
porque a hora é negra.

Hora de subir os degraus da força.
Pombas são versos de Lorca
porque a hora é negra.

BALAS PERDIDAS

Balas perdidas semeiam nas paredes
estilhaços de óbitos.

Balas velozes incendeiam pedras
e decepam carótidas.

Balas de fuzis e rifles
empilham cadáveres nos esquifes.

Balas desenham vogais de
sangue e pólvora nos vidros das janelas.

Balas perdidas que se hospedam
nas vértebras de um grito.

ZONA CINZENTA

Inventou-se uma zona
cinzenta da moral
em que foram abolidos
o bem e o mal.
A partir daí, tudo
será permitido
em nossa aldeia global.
Logo mais os profetas
da esdrúxula moral
decidem mudar as regras
do Juízo Final.

ESTUDO

O cinismo
é a única oferenda
a que os vassallos têm direito.
Está sempre de boca
aberta: os incisivos
e caninos de uma flor canibal.
Do caule à raiz
o cinismo sabe de cor
todas as maracutaias da utopia
volátil. Vai e volta
entra em cena e sai de cena
sem deixar pluma do
seu desdém.
Quando sobe à ribalta, trapaceia.
Com ou sem máscara.

SIMETRIA DO CAOS

Vive-se pouco e mal
anda-se à deriva das marés da vida
come-se quando sobram algarismos nas estatísticas
dos burocratas
confunde-se mau hábito com mau hálito
ama-se aos gritos e às pressas
perde-se o cabelo antes de perder a memória
clama-se em vão pelo bálsamo da justiça
chama-se e ninguém responde
muda-se de código e de monólogo
mastiga-se a voz, reminiscências de carne podre
pega-se o ladrão mas o ladrão
volta pontualmente no dia seguinte
nega-se o corpo, a alma e as promessas feitas
vomita-se ódio na hora da ceia
mente-se cada vez mais por dever de ofício
morre-se em decúbito de morte súbita
ou se morre de fome nos braços da Ré-pública.

DESELOGIO DA MENTIRA

Mentis o tempo todo
a pretexto de tudo e de nada.
Mentis aos homens e aos mortos
e a seus descendentes.
Mentis a Deus e ao diabo
ao sol e ao vento, aos pobres
de sonhos e haveres. Mentis às vossas
imagens e aos espelhos
que as refletem. Só não mentis
às vossas sombras porque se afastam
de vós quando vos aproximais delas.

SINA DE POETA

O poeta é esse espantalho
a que não pertence
o colar de ouro das espigas.

O poeta é o que sabe
que os olhos do abismo
estão sempre abertos.

Aonde quer que vá
o poeta escreve com sangue
as vogais do seu epitáfio.

Íntimo de ausências e augúrios
ao poeta só resta arder
nas chamas das palavras.

HIENAS COMEM FOLHAS VERDES

Hienas fotogênicas
rondam os palácios e adjacências de Brasília.
Suas gargalhadas obscenas
repercutem nas cúpulas das igrejas
nos bares, nas esquinas
e arrebetam as esquadrias dos arranha-céus.

As hienas nos espreitam através das vidraças
com suas pupilas marejadas de sangue.
As ruas estão vazias.
Nenhum vestígio de humanidade trespassa o ar.
Só se ouve o marulho das vozes
dos excluídos e o ranger de dentes dos chacais.

As hienas vão aos banquetes da fina flor
do ócio e da mentira.
Trapaceiam em sete idiomas e sabem de cor
os sete mandamentos do cinismo.
As hienas são gordas
se alimentam de bancarrotas e de folhas verdes.

NÚPCIAS

Eles estão salvos em seus palácios
de vidro à prova de bala
nos olham de longe com desdém
sabem que estamos ali
ao vento e à chuva
famintos sob as flechas do céu
grudados à poeira e ao
sangue da terra
à espera de que as rosas se abram
para as núpcias da morte.

A TERRA É DOS MORTOS

Eles foram expulsos da terra
que semearam
das casas de barro onde as abelhas
já não constroem favos de mel.
Do rio onde os bichos
já não bebem água
da cacimba onde as rãs no cio
já não cantam de noite.
Eles foram banidos da mesma terra
onde enterraram seus mortos.

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d' Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.

26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d’Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIBE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.

55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) – José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.

80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÉRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vlândia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D' Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D' Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpidio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d' Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandes no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jäder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Ítalo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d' Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM – (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.

111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim – organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.

139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
144. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO – Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR – Romance – Fran Martins – UFC – 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*-André Haguette e Eloísa Vidal (*Organizadores*)-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC – Geraldo Bezerra da Silva – UFC – 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO – Segunda Locação – Memórias – Eduardo Campos – UFC – 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA – Poesia – Regine Limaverde – UFC – 1998.
162. TERRA BÁRBARA – Poesia – Jáder de Carvalho – UFC – 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS – História – Waldy Sombra – UFC – 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO – Poesia – Francisco Carvalho – UFC – 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE – História – 2ª Edição – Yaco Fernandes – UFC – 1998.

166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA – Romance – Elano Paula – UFC – 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL – Ecologia – Eduardo Campos – UFC – 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA-(*A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX*)-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia-Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! – Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS – Contos – Tércia Montenegro – UFC – 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA – Ensaios – José Filomeno de Moraes Filho – UFC – 1998.
174. ALMA DE POETA – Poesia – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL – Ensaios – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1998.
176. SALA DE RETRATOS – Poesia – Marly Vasconcelos – UFC – 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL – Poesia – Napoleão Maia Filho – UFC – 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS – Memórias – Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira – UFC – 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS – História – F. S. Nascimento -UFC – 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS – Contos – José Costa Matos – UFC – 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL – Novela – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1998.
182. GENTE NOVA – (Notas e Impressões) – Crítica – Mário Linhares – UFC – 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO – Poesia – Sérgio Macedo – UFC – 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO – Valores ético-sociais do empresariado – União pelo Ceará político – 1962/CIC-1978 – José Flávio Costa Lima – UFC – 1998.
188. CANTO IMATERIAL – Poesia – Vanderley Moreira – UFC – 1998.
189. POR UM FIO – Contos – Sandra Maia – UFC – 1999.

190. ERA UMA VEZ – Poesia – Karla Karenina – UFC – 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM – Poesia – Beatriz Alcântara – UFC – 1999.
192. POÇO DOS PAUS – Romance – 2ª Edição – Fran Martins – UFC – 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU – Biobibliografia – José Aurélio Saraiva Câmara UFC – 1999.
194. UNIVERSIDADE – Caminho para o desenvolvimento – José Teodoro Soares – UFC – 1999.
195. PONTA DE RUA – Romance – 2ª Edição – Fran Martins – UFC – 1999.
196. MELANCHOLIA – (Antologia) – Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza – UFC – 1999.
197. TEATRO – (Teatro Completo de Eduardo Campos)-VOL I – Eduardo Campos – UFC – 1999.
198. TEATRO – (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II – Eduardo Campos – UFC – 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL – 3ª Edição – J.Capistrano de Abreu – UFC – 1999.
201. O GUARANI – José de Alencar – Romance – (Volume I) – UFC – 1999.
202. O GUARANI – José de Alencar – Romance – (Volume II) – UFC – 1999.
203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) – Ilka Tigre/Organizadora – UFC – 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé – *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* – Vilma Maciel e Célia Magalhães – UFC – 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO – J. Lindemberg de Aquino – UFC – 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS – *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial*- Caio Lóssio Botelho – UFC – 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO – Poesia – Cecília Bossi – UFC -1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE – Poesia – Márcio Catunda – UFC – 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.

215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES – NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS – GENEALOGIA – HISTÓRIA – BIOGRAFIAS – Aécio Feitosa – UFC – 1999.
222. CANUDOS – Poema dos Quinhentos – Carlos Newton Júnior – UFC – 1999.
223. PERSONAS – Notas de Um Bibliófilo Cearense – José Bonifácio Câmara – UFC – 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização – Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) – UFC – 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance – Elano Paula – UFC – 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO – Lustosa da Costa – UFC – 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO – A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) – Cândido Bittencourt de Albuquerque – UFC – 1999.
228. ORÁCULO – Magdalena Sá – UFC – 1999.
229. CHICO CALDAS, O Patriarca de Viçosa do Ceará – João Severiano Caldas da Silveira – UFC – 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER – Hermann M. Görgen – UFC – 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR – Francisco Carvalho – UFC – 2000.
232. NARRADORES DO PADRE CÍCERO: DO AUDITÓRIO À BANCADA – Marinalva Vilar – UFC – 2000.
233. ESTUDOS TEMÁTICOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
234. ESTAÇÕES DE SONETOS – José Costa Matos – UFC – 2000.
235. NO RASTRO DO BOI: CONQUISTAS, LENDAS E MITOS – Francisco Ésio de Souza – UFC – 2000.
236. DERECHO CONSTITUCIONAL Y CONTROL DE CONSTITUCIONALIDAD EN LATINOAMÉRICA – Régis Frota – UFC – 2000.
237. A DECISÃO DE SATURNO (FILOSOFIA, TEORIAS DE ENFERMAGEM E CUIDADO HUMANO) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaïne – UFC – 2000.
238. O AMIGO DE INFÂNCIA (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.

239. COLHEITA TROPICAL: HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. HELMUT FELDMANN – Antônio Martins Filho e Teoberto Landim (Organizadores) – UFC – 2000.
240. MAR OCEANO (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
241. O CANADÁ É BEM ALI – Regine Limaverde – UFC – 2000.
242. AMOR NOS TRÓPICOS (Ensaio e seleta de poemas contemporâneos) – Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (Organizadoras) – UFC – 2000.
243. AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (3ª Edição) – Antônio Martins Filho – UFC – 2000.
244. A DESCOBERTA DO SABOR SELVAGEM – Eduardo Campos – UFC – 2000.
245. PSICOLOGIA DO POVO CEARENSE – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2000.
246. HISTÓRIAS PARA PASSAR O TEMPO... – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.
247. FRANCISCO CARVALHO: UMA POESIA DE TANATOS E DE EROS – Mailma de Sousa – UFC – 2000.
248. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – UFC – 2000.
249. A PRÓXIMA ESTAÇÃO (ROMANCE) – Teoberto Landim – UFC – 2000.
250. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (1º VOLUME) – CORAÇÃO DE MENINO – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
251. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
252. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (2º VOLUME) – LICEU DO CEARÁ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
253. A SEARA DE SANTIAGO NO BRASIL – Aduino Leitão – UFC – 2000.
254. O CURIOSO: NA TRILHA DAS ALMAS – Heloisa Helena Caracas de Souza – UFC – 2000.
255. IDÉIAS E PERSONALIDADES NA PASSAGEM DO MILÊNIO – Mauro Benevides – UFC – 2000.
256. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (3º VOLUME) – O CONSULADO DA CHINA – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
257. A GUERRA DE ARTIGAS (1816-1820) – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
258. PELAS MÃOS DA POESIA – Eduardo Fontes – UFC – 2000.
259. HISTÓRIA ECONÔMICA DO CEARÁ – (2ª. Edição) – Raimundo Girão – UFC – 2000
260. A GUERRA DO VIDÉO (1825-1828) – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
261. RAZÃO E FÉ DO CARVOEIRO – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 2000.
262. DESTINOS CRUZADOS – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.

263. O ANTIGO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2000.
264. A GUERRA DO FLORES – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
265. A GUERRA DO ROSAS – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
266. A GUERRA DO LOPEZ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
267. O POUSO DA ÁGUIA – Eduardo Campos – UFC – 2000.
268. O PARCEIRO SÓ – Eduardo Campos – UFC – 2000.
269. RASCUNHOS & RESENHAS – Francisco Carvalho – UFC – 2001.
270. POEMAS DO AMOR DEMASIADO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.
271. DE CARONA NO TEMPO (CONTOS • CRÔNICAS • CASOS) – Elano Paula – UFC – 2001.
272. ENSAIOS E PERFIS – Joaryvar Macedo – UFC – 2001.
273. A REVOLTA DO COMPUTADOR E OUTROS CONTOS DE MISTÉRIO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 2001.
274. A VIDA SEM POESIA É BEM PEQUENA – Ana Carolina Borges Leão Martins – UFC – 2001.
275. INSTANTÂNEOS DE UMA ÉPOCA – FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA (1948/53) – José Murilo Martins – UFC – 2001.
276. INTERPRETAÇÃO DO CEARÁ – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2001.
277. A ARCA DO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.
278. A OUTRA MARGEM (Filosofia, Teorias de Enfermagem e Cuidado Humano) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine Oliveira Moreira (Organizadores) – UFC – 2001.
279. TREINAMENTO EM PSICOTERAPIA INDIVIDUAL, DE GRUPO E DE CASAL (Um Guia para Supervisores e Terapeutas iniciantes) – Mônica Teles Tavora – UFC – 2001.
280. AVIS RARA – Angela Guitiérrez – UFC – 2001.
281. O SOL NO ENTARDECER – Sinésio Cabral – UFC – 2001.
282. PASSAGEIRO DE MIM – Cláudia Régia – UFC – 2001.
283. FRANCISCO CARVALHO – O SUBSTRATO DA QUADERNA – Mailma de Sousa – UFC – 2001.
284. FATOS E CURIOSIDADES – MISSÃO VELHA – Célia Magalhães – UFC – 2001.
285. O INFERNO DA GUERRA ÉTNICA EM KOSOVO – Vilma Maciel – UFC – 2001.
286. ROTEIRO SENTIMENTAL – GEOPOÉTICA DO BRASIL – Martins d'Alvarez – UFC – 2001.
287. POESIA DO COTIDIANO – Martins d'Alvarez – UFC – 2001.
288. MERCADOR DE SONHOS – Sérgio Macedo – UFC – 2001.
289. ESTAÇÕES DO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.

290. MOMENTOS – Almeyra Cordeiro Lima – UFC – 2001.
291. O DIREITO DE RECORRER: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SISTEMA RECURSAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2002.
292. ALMANAQUE NEOLATINO – Luciano Maia – UFC – 2002.
293. LUA NOVA (POEMAS) – Laíre Dutra Serra Matos – UFC – 2002.
294. TEMAS COSMO-FILOSÓFICOS – Mauro Mendes Rangel – UFC – 2002.
295. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
296. JÚLIO DE MATTOS IBIAPINA – Abelardo Montenegro – UFC – 2002.
297. CARAS RECORDAÇÕES – SOCORRO FARIAS – UFC – 2002.
298. O LIVRO DOS ENFORCADOS – Gustavo Barroso – UFC – 2002.
299. GENEALOGIA DA FAMÍLIA FERNANDES, DORIO GRANDE DO NORTE – Hermógenes E. Fernandes – UFC – 2002.
300. O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA – Francisco Carvalho – UFC – 2002.



Impressão e Acabamento

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC

Av. da Universidade, 2932 - fundos - Benfica

Caixa Postal 2600 - Fone/Fax: (0xx85) 281.3721

Fortaleza - Ceará - Brasil

